

ILUSTRAÇÃO



3.º ANO
NÚMERO 59

Lisboa, 1 de Junho de 1928

PREÇO
4\$00

Urotropina effervescente

Schering



Refresca

porque com ela se prepara uma bebida gasosa de sabor agradável

Evita

porque é o profilactico mais eficaz contra as enfermidades infecciosas

Cura

porque a Urotropina é segundo a opinião de todos os médicos, o mais poderoso desinfectante interno.

Insista n'este empacotamento original Schering.



UM REPTO...



**DESAFIAMOS O
MUNDO A QUE
PRODUZA UM AU-
TOMOVEL COMO**

O

WILLYS-KNIGHT

DISTRIBUIDORES GERAES:

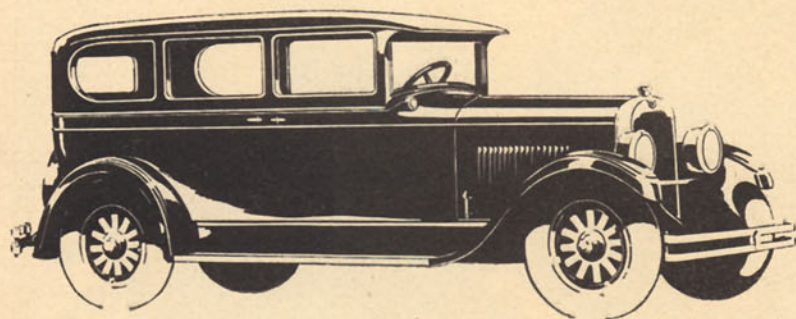
H. QUEIROZ, L.^{DA}—Engenheiros

62, R. Braamcamp, 70 — LISBOA — Telefone Norte 3655

AUTOMOVEIS

**O CARRO IDEAL POR EXCELENCIA
O MAIS DURADOURO DE TODOS
-- OS CARROS AMERICANOS --**

REO



PREÇOS NA FABRICA:

**Modelo
"FLYING CLOUD"
1625 dollars**

**Modelo
"WOLVERINE"
1195 dollars**

**ROBUSTO, VELOZ
ELEGANTE
MODERNO EM TUDO**

6 Cilindros, Travões hidraulicos ás quatro rodas. Cambota com 7 pontos de apoio
Motor silencioso sem vibração e de grande elasticidade

AGENTES GERAIS: A. CONTRERAS L.^{DA} - 109, AVENIDA DA LIBERDADE, 171 - LISBOA

SUB-AGENTES NO PORTO: EMPRESA INTERNACIONAL DE COMERCIO E INDUSTRIA
225 - RUA 31 DE JANEIRO - 229



"CORONA"

*A melhor e mais rapida ma-
quina de somar escrevente.*

Agencia para Portugal e Colonias:

J. GONÇALVES

Calçada do Carmo, 8, 12

Rua 1.º Dezembro, 60

LISBOA

MAGAZINE BERTRAND

correspondente a

JUNHO

insere um sensa-
cional trabalho de
oportunidade cri-
tica

O MUNDO VAI ACA- BAR?...

em que a actual
campanha sobre o
fim do mundo é
esclarecida á luz
da HISTORIA
da SCIENCIA e
da RELIGIÃO!

A QUE DEVO TUDO...



Está anémica?

Sente-se fraco?

USE O

NUCLEARSENOL BIAL
(ELIXIR)

(ácido nucleínico, glicerosfosfatos, me-
tilarsinato de sódio e vanarsina, em
vinho velho do Porto).

Sendo muito agradável é um dos mais
energicos tónicos reconstituintes.

PROPRIEDADES DE RENDIMENTO E RECREIO EM TODAS AS REGIÕES E PARA TODOS OS PREÇOS

R. GIRARD

58, RUE DE CLICHY-PARIS (9°)
 Telefone: Central 10-45
 Lista gratuita a quem a pedir

V. 688 — ISÈRE — Junto à estação, *Castelo Feudal* do século XIII, mobiliado, perfeito estado, 11 compartimentos sala de bilhar 100 m², água, electricidade, aposentos, porteiro, garagem, cavalariça, parque *Cinco hectares*, preço 1.250.000 frs.

1585 — HAUTE GARONNE — 9 quilómetros de Toulouse, 3 quilómetros estação, *Castelo* mobiliado 11 divisões, 4 quartos criados, numerosas dependências, parque, 60 hectares seguidos, alfaías, etc. Preço 7.000.000 frs.

1991 — BAIXOS PIRINEUS — Região Pau, *Castelo* moderno, 4 salões, 8 quartos etc., água, electricidade, telefone, dependências, estufas, bosque, pastos, lavoura, etc. 45 hectares. Preço 750.000 francos.

2019 — SOMME — Junto gare linha Trepport, *Castelo* com todo o conforto, construção recente, vista esplêndida, 11 divisões, quartos criadagem, garages, casa porteiro, dependências, lago, parque, mobiliário, preço 850.000 frs.

2030 — SAVOIA — 20 quilómetros Aix-Bains, 300 metros altitude, *Castelo* com importantes dependências, água, electricidade, nascentes, parque fechado, 5 hectares, preço 275.000 francos.

2122 — EURE — 110 quilómetros de Paris, vista magnífica, pesca e caça, *Propriedade* 10 divisões, casa de banho, grandes dependências, casa Jardineiro quatro divisões, água, electricidade próxima, telefone, 6 hectares sendo 3 em herba e horta, árvores de fruta, preço mobiliado 350.000 francos.

2561 — GARD — Junto a Trézaccon, *Propriedade*, linda casa senhorial mobiliada (móveis antigos) granja, 90 hectares sendo 20 hectares cerejeiras, 45 hectares cereais — material, gado doméstico — situação bastante rara — linda vista — pesca no Ródano: preço 1.200.000 francos.

P
A
R
A
V
E
N
D
E
R

2362 — DORDOGNE — Distrito de Bergerac, *Domínio* com *Castelo* do século XVI, 8 casas criados, numerosas dependências, água de nascente, *Grande criação avícola* com todo o material, todos instrumentos modernos entre os quais 2 tractores, queda d'água, animais domésticos, 108 hectares sendo 100 hectares de bosque — bela caça. — preço 1.200.000 francos.

2375 — MANCHA — A 1.500 metros do mar, com vista de mar. *Domínio* com *castelo* construído em 1700, perfeito estado, 15 divisões, etc., magníficos madeiramentos — numerosos edifícios na Granja — 36 hectares atravessados por regato — muitas árvores de fruto. — preço 900.000 francos.

2388 — DORDOGNE — Distrito de Bergerac, *Domínio* casa senhorial de 8 divisões, vastas dependências, alfaías e animais de trabalho, água, lavoura, bosque, vinhas (de encosta) 27 hectares — preço 300.000 francos.

2491 — SENA — A 5 quilómetros de Paris, Ilha do Marne, situação magnífica, Casa de Campo de 6 divisões, água, electricidade, Jardim com 700 metros — preço 130.000 francos.

2493 — LOIRET — Perito de Beaugency, *Casa Antiga* bom estado, 4 enormes divisões, dependências, água, electricidade possível, Jardim e horta, árvores de fruto, vinhedo de encosta, terraço, 400 metros murados, pesca, caça, proximidades do Loire, 10 minutos estação caminho de ferro, preço 70.000 francos. (Vende-se parte mobiliada).

2495 — ALPES MARÍTIMOS — A 7 quilómetros de Cannes, vista de mar, *Pequena propriedade* rendimento e gosto, velha casa restaurada 5 divisões, etc... Jardim de recreio, horta, terraços plantados de café, árvores de fruto, preço 1300.000 francos.

CORNETA BOSCH



É o alarme que mais convém aos automobilistas, porque tendo um som melodioso e prolongado, com repercussão a 2 quilómetros, que na cidade pôde ser amortecido, oferece ainda a vantagem dum consumo reduzidíssimo.

Acquisição a preço vantajoso.

Representante exclusivo de
ROBERT BOSCH A. G., STUTTGART
 Escritório Técnico Roberto Cudell
 PORTO — Passos Manoel, 41

480 CONTOS

ENTREGAM-SE a cavalheiro serio, demonstrando honestidade e boas referencias, que despose senhora de 26 anos, educada e bondosa. Escrever a Club of New-York, PORTO. Franquiar resposta.

CE QUE FEMME VEUT
 PERFUME DE
 GELLÉ FRÈRES
 PARIS



essencia
 pó de arroz
 loção
 sabonete

Cl. Veritas sem lozias ou boxes (Candy) L.ª
 Agente geral: STETTEN (1919), Rua de Madalena 27E. LISBOA

MAGAZINE BERTRAND de Junho

Leiam nele

«O MUNDO VAI ACABAR?...»

"FORD"

O AUTOMÓVEL UNIVERSAL


ALMEIDA LIMA & PEREIRA, Sucessores

ÚNICO AGENTE OFICIAL DE DISTRIBUIÇÃO DE

AVEIRO

Convida os automobilistas a examinar as altas características do

NOVO FORD



S. A. P. Serviços Aéreos Portuguezes, Ltd.

AVENIDA DA LIBERDADE, 3

Serviço aéreo entre LISBOA-MADRID
 com aviões JUNKER'S completamente metálicos

Para Madrid: { 3.ª feira } 10,30 horas
 { 4.ª feira }
 { Sábado }

Avião: 4 horas
 Combóio: 17 horas

Para informações dirigir-se a todas as agencias de vapores e de turismo bem como à sede da Companhia



BERTIPRAND IRMÃOS
FOTOGRAVADORES
LDA CONDESSA DO RIO
LISBOA
TEL. T. 96

STUTZ

**O CARRO QUE É QUASI TÃO BOM COMO
O MELHOR AUTOMÓVEL DO MUNDO**

A. M. ALMEIDA L.^{DA}

39, RUA DA ESCOLA POLITECNICA, 39-A — LISBOA

MANUAL DO CONDUTOR DE AUTOMÓVEIS

AOS CONDUTORES DE AUTOMÓVEIS RECOMENDA-SE ESTE MANUAL
COMO IMPRESCINDIVEL PARA A SUA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL,
POIS CONTÉM

Descrição do aparelho motor, motores e seu funcionamento, lubrificação, carbu-
ração, alimentação de gasolina, arrefecimento do motor, princípios de electricidade e
inflamação. Órgãos auxiliares, transmissão, arranque, leito, molas, eixos, direcção,
rodas, pneumáticos, câmaras de ar e iluminação. Caixa dos carros e seus acessórios,
apparelios de alarme. Condução e avarias. Tipos de automóveis, leitos (chassis), cami-
nhões, motocicletas. Garage, conservação e reparação, indicações úteis, tabelas, legis-
lação, etc., por

ANTONIO AUGUSTO MENDONÇA TAVEIRA

Um volume de 664 páginas encadernado em percalina

ECUDOS 24\$00

PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

DOCES

E

COSINHADOS

Receitas escolhidas

por ISALITA

Um volume encadernado
com 351 paginas

Escudos 25\$00

LIVRARIAS

AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA



*O mais belo repositório de
conhecimentos científicos, a
mais empolgante série de
aventuras maravilhosas é a
obra do genial romancista*

JULIO VERNE

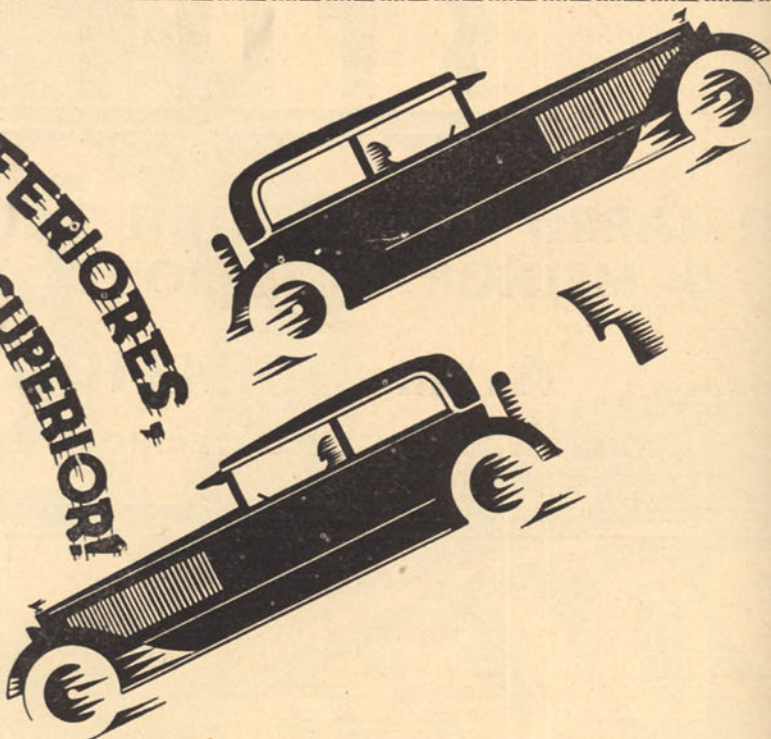
primorosamente ilustrada em edições populares ao alcance de todos

SÃO LIVROS QUE TODOS DEVEM LÊR

PEDIDOS AS LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, CHIADO, 75 — LISBOA

**GASTOS INFERIORES
QUALIDADE SUPERIOR**



Carro de preço excepcionalmente moderado, o Erskine Six Studebaker, é no entanto o mais moderno dos carros ligeiros, verdadeiramente de luxo, pela graciosidade das suas linhas, e conforto, qualquer que seja a estrada e o andamento.

O mais veloz, 100 km. á hora. Rampas de 11 0/0 em prise directa. Motor de seis cilindros, monobloco, cabeça do motor amovivel, valvulas lateraes, silencioso e de grande força, ultrapassando 40 cavalos ao freio.

Graças á sua concepção absolutamente nova, as despezas de manutenção do Erskine Six, o seu consumo de oleo e gazolina, são inferiores ás de qualquer outro carro de categoria identica, e não excedem as dum carro de qualidade inferior.

*6 cil. - 12 HP. - 100 km. á hora
rampas de 11 0/0 em prise directa.*

Podeis comprar estes carros com o vosso rendimento, sem tocar no capital.

Unicos representantes para Portugal :

C. SANTOS, LDA.

LISBOA : Rua do Crucifixo 55 a 59.

PORTO : Praça da Liberdade, Edificio da Nacional.

STUDEBAKER

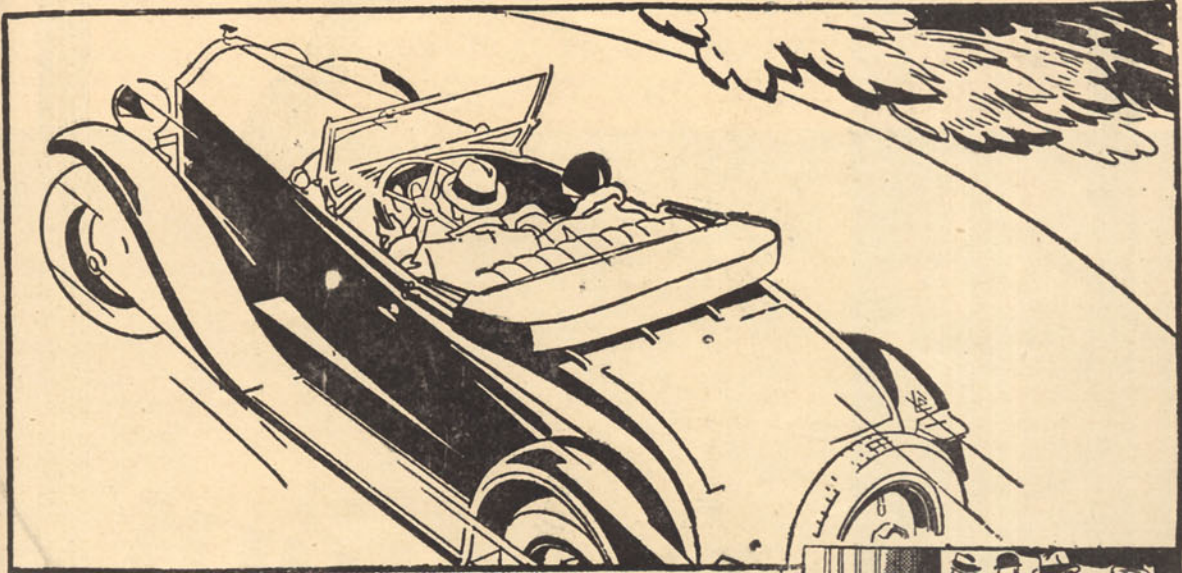


E. A. 61

ERSKINE SIX



Correspondendo a todas as exigencias



O Buick é o carro de luxo aceite sem reserva pelos homens de mais destaque social

QUANDO ao falar de uma pessoa, o elogio surge espontaneo, é porque essa pessoa o merece. Ora, para um automovel, nao ha elogio tao espontaneo como a aceitação que tem entre o público. Dos carros de luxo, é o Buick o que tem alcançado maior popularidade, e com isto se diz tudo a seu respeito.

De motor forte e seguro, possui o Buick uma reserva de força capaz de desenvolver uma velocidade de mais de 100 kilometros á hora, e a sua sólida construção garante-lhe uma longa vida.

Mais comprido e mais baixo que os anteriores, o modelo 1928 é de uma elegancia e de uma distinção difíceis de igualar. O seu luxo interior, a grande comodidade que se lhe deu, e a beleza de côres das suas carroseries, fazem com que seja admirado por todos e em toda a parte.

Visite hoje o stand do concessionário mais próximo. Ali se lhe fará de bom grado uma demonstração do que é este carro.



Para estrada, ou para a vida activa da cidade, é sempre o Buick o preferido

CONCESSIONARIOS

Diniz M. d'Almeida

Avenida da Liberdade, 214 - 218

LISBOA

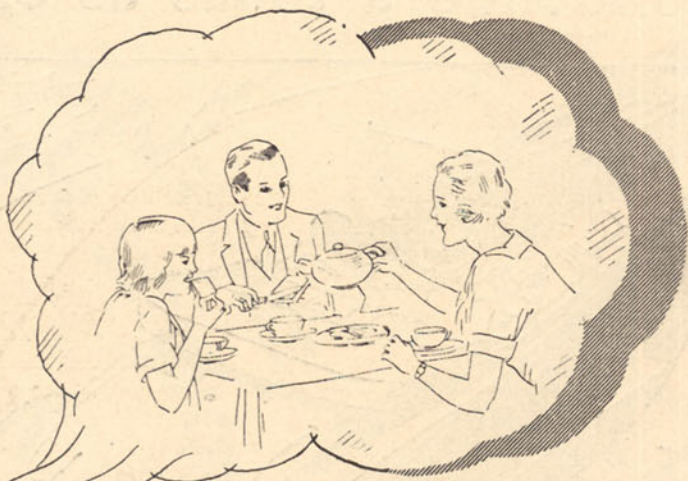
Cunhas & Almeida, Ltda.

Avenida dos Aliados, 75

PORTO

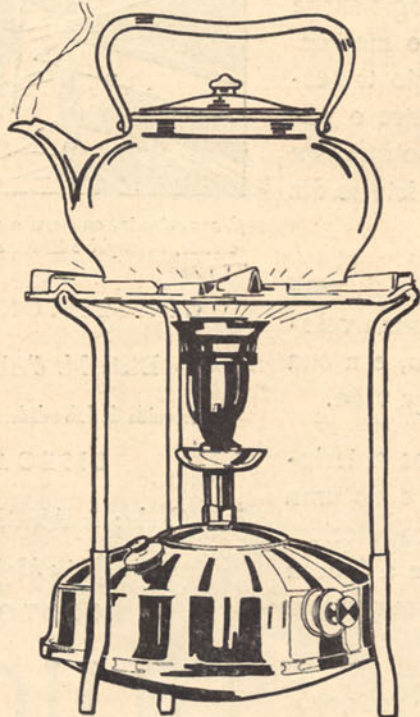
BUICK

General Motors Península S. A.



"FOGÃO DA VACUUM" quere dizer:

**Comodidade,
Economia e rapidez**
Faz um chá 5 minutos
em
gastando menos de
um decilitro de



Vacuum Oil Company

Rocio. 67 Telef. N. 3075 e nas suas Agencias

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIPOGRAFIA
DA «ILUSTRAÇÃO»
R. d'Alegria, 30—Lisboa
REDACÇÃO
R. Cecílio de Sousa, 77-1.º
(Ant. R. da Procição)
Telef. N. 873

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO : JOÃO DA CUNHA DE EÇA
DIRECTOR : JOÃO DE SOUSA FONSECA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO :

AILLAUD, L.^{DA}

R. Garrett, 73, 75—Lisboa

ADMINISTRAÇÃO

Rua Anchieta, 25

Telef. C. 1084

Ano 3.º — NÚMERO 59

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

1 DE JUNHO DE 1928



ACONTECIMENTOS DE
SUBIDA IMPORTÂNCIA
NA QUINZENA, ALÉM
DAS FESTAS DE AVEI-
RO, POR OCASIÃO
DO CONGRESSO BEL-
RÃO E A QUE DEDI-
CAMOS TRÊS PÁGI-
NAS ESPECIAIS, PO-
DEM CONSIDERAR-SE
AQUELES QUE ARQUI-
VAMOS NESTE FRON-
TISPÍCIO; A HOME-
NAGEM PRESTADA PE-
LOS OFICIAIS DA RE-
GIÃO MILITAR DO
PÓRTO AO NOVO
GENERAL SR. CRA-
VEIRO LOPES, EN-
TREGANDO-LHE UMA
ESPAIDA DE HONRA;
A INAUGURAÇÃO DAS
LINHAS TELEFÓNICAS



QUE LIGAM PORTUGAL COM ESPANHA, FRANÇA, INGLATERRA E OUTROS PAÍSES DA EUROPA, LINHAS QUE FORAM INAUGURADAS PELO SENHOR PRESIDENTE DA REPÚBLICA E PRESIDENTE DO MINISTÉRIO QUE FALARAM COM D. AFONSO XIII REI DE ESPANHA E GENERAL PRIMO DE RIVERA, E POR FIM A PROCIÇÃO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, EM FÁTIMA, POR MOTIVO DA PEREGRINAÇÃO A CUJA REPORTAGEM DEDICAMOS AS PÁGI-
NAS DE HONRA DÊSTE NÚMERO

(Fotos de Alvaro Martins e Mário Novais).

O próximo número será consagrado em grande parte ao desporto e à educação física em Portugal

CRÓNICA DA QUINZENA

Um sábio, que pelo nome não perca, tinha anunciado para o dia 29 do mês passado... o fim do mundo.

Nem mais nem menos — o fim do mundo. Um enorme cometa, errante no espaço, encontrando a terra no seu caminho, dar-lhe-ia uma trombada, fazendo-a em estilhas. Podia ser que, não a apanhando em cheio, apenas a fizesse saír das calhas, isto é, da órbita em que se move há milhares de anos, dando-se então ou podendo dar-se o caso de ir cair no sol, eterna fornalha, e seria como se um mosquito entrasse num forno crematório acêso.

Af por voltas do ano mil tornou-se crença geral, fortemente arraigada, que ia acabar o mundo. Os padres animavam essa crença, e porque a catástrofe era o justo castigo da abominação dos homens, pecadores impenitentes, vá de tomar de empreitada a salvação das almas, os mais tímidos dando à Igreja o melhor da sua fortuna.

Pois se o mundo acabava, o que era preciso era ganhar o céu, e disso se encarregavam os sacerdotes, não apenas sufragando as almas... ainda unidas aos corpos, mas inscrevendo-na conta corrente de cada devoto rico, em seu favor, os bens de que fazia renúncia em benefício da Igreja.

Por aqueles velhos tempos, ainda se não falava de Cruzadas, os mosteiros, as fundações religiosas de toda a espécie, os sacerdotes e os bispos, sobretudo os bispos, possuíam avultados bens, eram grandes latifundistas. Os esplendores da Igreja, a suntuosidade dos seus Príncipes importava a miséria da legião devota, mais estupidamente supersticiosa que esclarecidamente crente.

Certo é que o mundo não acabou no ano mil; mas esse ano foi de terríveis angústias, de incomportáveis dores morais, considerando todos que a catástrofe, mais completa que a dos templos bíblicos, ainda na infância da Terra, seria o prelúdio duma eternidade de sofrimentos, nas profundas do Inferno. Talvez algum Noé, de todos ignorado, achasse graça diante do Senhor, e em transportes de vários tamanhos, formando esquadra, embarcasse com gentes de todas as Nações e animais de toda a carne, machos e fêmeas, segundo o seu género, com o adequado alimento para todos — gente e bichêsa.

Depois abrir-se-iam as cataratas do céu,

cairia a chuva sobre a terra, a qual desaparecería sob as águas do dilúvio.

O mundo não acabou no dia 29 do mês passado, como profetisára esse sábio, cuja graça se nos varreu da memória, tendo apenas, a seu respeito, a vaga idea de que é europeu. Nem sequer houve um estreameção do globo, que denunciasses um cataclismo abortado; o sol não se eclipsou, e na face merençória da lua, como diziam os poetas românticos, não apareceram manchas estranhas, sinais misteriosos duma convulsão planetária.

Um dia, vão passados alguns anos, muito poucos, um sábio illustre, da Bélgica, dado às astronomias, anunciou, para dia certo, o fim do mundo. No momento preciso que elle indicava, a terra sofreria o choque dum planeta milhões de vezes maior do que ella, e seria como se a roda dum comboio apanhasse uma formiga. Um pobre homem de Bruxelas, firmemente convencido de que o mundo acabaria, conforme o sábio anunciava, para não sofrer os horrores duma expectativa angustiosa, condenado à morte sem apelação, infringindo os seus hábitos de pessoa morigerada, só bebendo vinho às comidas, poucas horas antes do minuto fatal, instalando-se numa taberna, em sucia, desatou a beber vinho e aguardente, até ficar como umas flores. Pô-lo fora o dono da taberna, quando precisou fechar a porta, em obediência às posturas municipais, e o desgraçado, não se aguentando nas pernas, tendo dado alguns passos, caiu desamparado, estendido no meio da rua. A policia recolheu-o à esquadra mais próxima, sem elle dar acôrdo de si.

Pela manhã, na meia consciência das bebedeiras mal cosidas, nem dando pelo sol que entrava a jôrros por uma fresta gradeada do calabouço em que tinha pernoitado, vendo passar um guarda, pergunta-lhe: — Ó camarada, o mundo não acabou?

Pois é verdade, não acabou o mundo no dia 29 do mês passado, e o sábio que profeti-

sára essa catástrofe ainda não deu explicação do facto, talvez pela singela mas soberana razão de que *nemo dat quod non habet* — ninguém dá o que não tem.

De forma alguma repugna acreditar que o mundo, este insignificante planeta que habitamos, venha a acabar um dia, e a hipótese de acabar à trombada é tudo quanto há de mais verosímil. Para o fazer descarrilar, pondo-o fora da sua órbita, nem sequer é preciso tocar-lhe; basta a força de atracção dum astro maior do que elle, passando-lhe a uma distância relativamente pequena, alguns milhares de léguas. Mesmo que a integridade física do globo nada soffresse por virtude da sua nova situação no sistema planetário, perdidas as condições de vida que nel se tinham realizado ao cabo duma evolução geológica abrangendo milhares de séculos, todos os seres viventes que o habitam deixariam de ter respiração debaixo do céu, e este pequeno planeta seria um vasto cemitério rolando na immensidade sem limites, por tempos sem fim.

As leis naturais são mais constantes que as leis jurídicas, mas coisa alguma nos garante a sua constância absoluta. Por muito que consideremos invariável a mecânica do Universo, não podemos arredar, por absurda, a possibilidade de um belo dia, por circunstâncias fora de toda a previsão, os astros tomarem o freio nos dentes, e, numa galopada doída, irem ao encontro uns dos outros, enchendo o Infinito de ruínas.

Sem nenhuma quebra de respeito pelo que se acha estabelecido, entendemos que o Mundo é um conjunto de imperfeições, considerado sob qualquer ponto de vista. Pena foi que se não aproveitasse o *Dilúvio* para emendar ou corrigir os seus erros e vícios de maior tomo, sendo certo que a Humanidade de hoje não é mais feliz que a Humanidade de então.

Mas o que se não fez no dia de Santa Maria, pode fazer-se no outro dia, e por este motivo o anúncio de que vai acabar o mundo mais nos alegra do que nos aterrorisa, em primeiro lugar porque não é forçoso que acabando o mundo, acabemos nós também, e em segundo lugar por estarmos convencidos de que só acabando é que elle pode ter emenda.

BRITO CAMACHO.

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

O próximo número será de homenagem ao "team,, português de "foot-ball,, que foi a Amsterdam

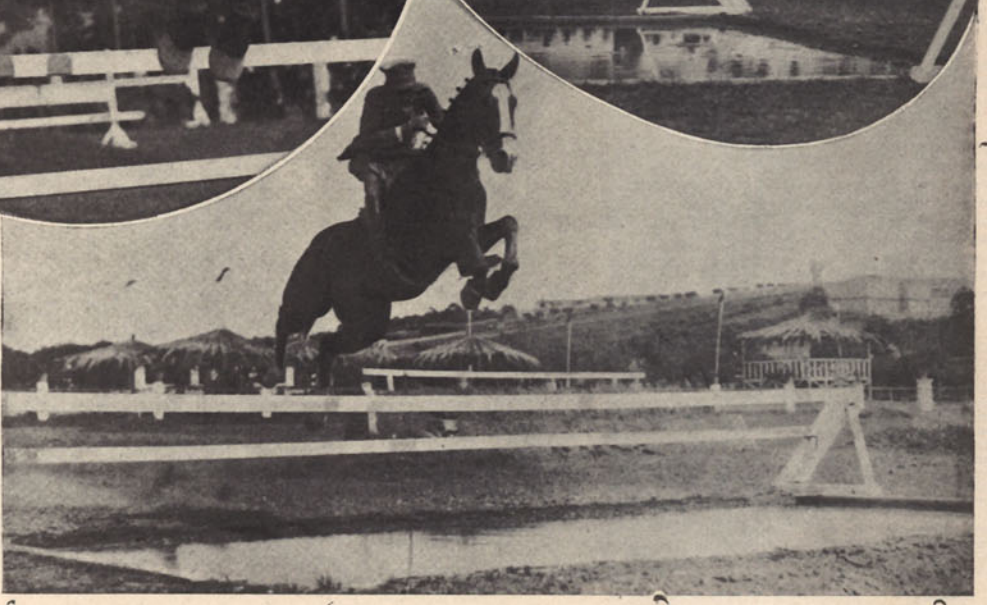
QUINZENA GRÁFICA

Nesta página reproduzimos hoje, em fotos nossas exclusivas, alguns acontecimentos curiosos. — *Em cima, à esquerda*, um grupo de elegantes assistindo ao Concurso Hípico Internacional. — *No oval da esquerda*. Um aspecto da conferência que, na Associação dos Livreiros, realizou a ilustre escritora D. Ana de Castro Osório sobre o momentoso assunto «A crise do livro em Portugal». — *No medalhão*



da direita, outro grupo de assistentes «smarts» no concurso hípico. Finalmente, no medalhão da esquerda, na oval da direita, em baixo, três aspectos dos belos saltos efectuados por uma gentilíssima amazona (Foto Salazar Denis) e dois officinís do nosso exército, exímios cavaleiros, naquele certame internacional de hipismo

(Fotos Mário Novais)



O próximo número será consagrado em grande parte ao desporto e à educação física em Portugal

ACTUALIDADES

2—Um aspecto da festa desportiva dos empregados da «Shell». A corrida de barreiras

3—Um salto em comprimento durante as provas desportivas do grupo «Shell»

4—Aspecto da corrida de estafetas entre equipas de empregados da «Shell»

5—Um aspecto do desmoronamento dum prédio na rua Saraiva de Carvalho, no Porto, quasi á entrada da ponte D. Luis e em que, felizmente, não houve desastres pessoais

(Foto Alvaro Martins).



1—O enterro de Lucinda Simões, a eminente comediante, ao passar defronte do teatro da Trindade onde se realizou, ultimamente, a sua récita de despedida

(Foto Mario Novais)

6—Um aspecto da assistência ao brilhante festival desportivo levado a efeito pelo grupo de empregados da «Shell»

7—Banquete de homenagem oferecido em Figueiró dos Vinhos no dia 10 de Maio ao ex.º sr. dr. Martinho Simões director geral do Ministério do Interior, banquete em que tomaram parte as individualidades de maior destaque dos concelhos do norte do distrito de Leiria. A comissão organizadora era composta pelos ex.ºs srs. dr. Bravo Serra, delegado do procurador da República, dr. Manuel Simões Barreiros, médico municipal, Manuel dos Santos Alreu, proprietário e Carlos Rodrigues, tenente



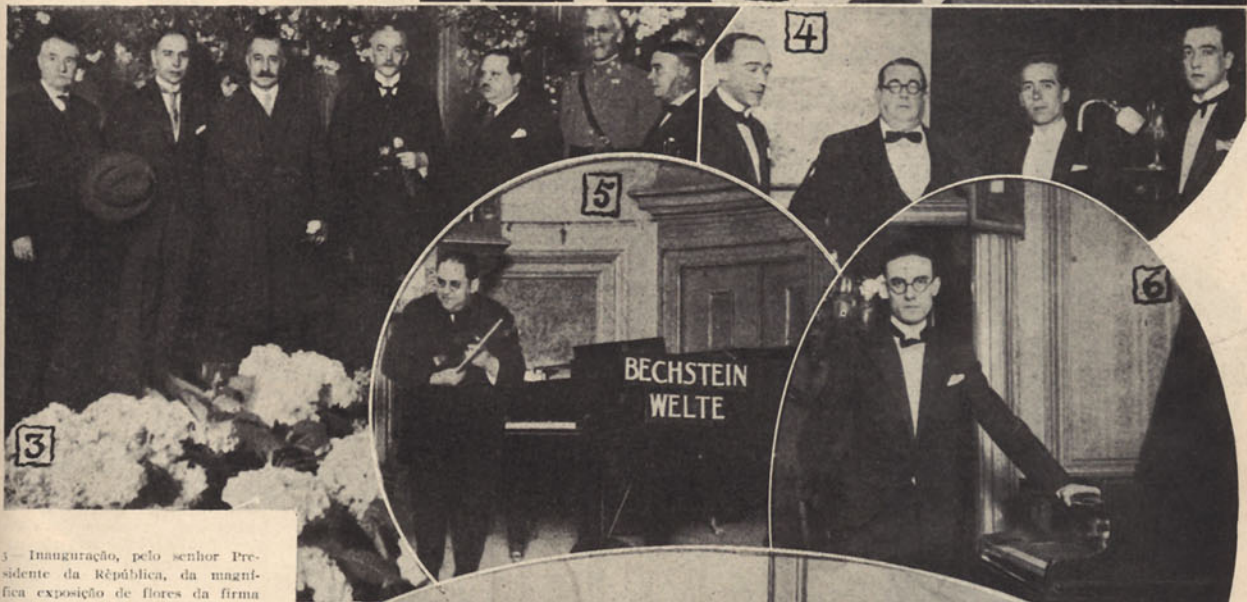
A *Hustação* no intuito, a que tem sido sempre fiel, de preencher por inteiro o posto de honra que occupa de primeira revista ilustrada do nosso país, desejando portanto prestar ao público a mais lata informação de todos os grandes acontecimentos de actualidade, tem em Amsterdam, acompanhando a equippe nacional, um brilhante jornalista e homem de desporto o dr. Salazar Correia, que enviará crónicas e reportagens exclusivas para a *Hustação* e fotografias inéditas da actuação do nosso «foot-ball» nas Olimpíadas de 1928. A este acontecimento, bem como ao próximo Salão do Automóvel no Porto e a outros desportos praticados em Portugal, dedicará esta revista grande parte do seu próximo número

O próximo número será de homenagem ao "team,, português de "foot-ball,, que foi a Amsterdam

V I D A S O C I A L



1—A chegada à estação do Rossio dos ilustres cavaleiros espanhóis que constituem a equipa que veio disputar o Grande Concurso Hípico Internacional de Lisboa. 2—Aspecto do «Pôrto de Honra» oferecido na Sociedade Hípica Portuguesa aos ilustres cavaleiros espanhóis, com a presença dos mais cotados desportistas portugueses



3—Inauguração, pelo senhor Presidente da República, da magnífica exposição de flores da firma Moreira da Silva e Filhos. 4—O ilustre escritor Fernando Amado ao terceiro a contar da esquerda) por ocasião da sua brilhante conferência de arte na Sociedade Nacional de Belas Artes, com os ilustres directores daquela agremiação. 5—Flaviano Rodrigues depois de, pela primeira vez em Portugal, executar um solo de violino acompanhado pelo piano-reprodutor mecânico Bechstein-Welte. 6—Eurico Tomás de Lima que deu um concerto brilhantíssimo no Club Brasileiro. 7—Concerto na Liga Naval promovido pela ilustre artista Adelaide Lima Cruz que está em grupo com as suas discipulas e artistas que tomaram parte na audição



(Fotos Mario Novais e Ferreira da Cunha)

O próximo número será consagrado em grande parte ao desporto e à educação física em Portugal

AVEIRO EM FESTA

A «Veneza de Portugal» vestiu as suas melhores galas por ocasião das Festas da Liberdade e Congresso Beirão. As nossas soberbas fotos, devidas ao excelente e ilustre artista de Aveiro, Manuel de Abreu, reproduzem respectivamente:

- 1— A formosa ria durante o pitoresco passeio fluvial.
- 2— Um aspecto da célebre procissão de Santa Joana Princesa. — O andor com a riquíssima imagem
- 3— O carro da «Vacuum» na batalha de flores efectuada no parque municipal
- 4— O carro das porcelanas da Vista Alegre (3.º prémio)
- 5— O lindo carro enfeitado da família do prestigioso aveirense dr. José Soares
- 6— O carro do sr. Visconde da Granja, que teve o primeiro prémio no certamen



- 7— O carro ornamentado de Trindade & Filhos
- 8— A bandeira de Santa Joana Princesa, com que abre a tradicional e opulenta procissão
- 9— A magnificente procissão de Santa Joana, uma das mais suntuosas do país, passando à beira da ria de Aveiro, no meio do respeitoso entusiasmo do povo da região e dos forasteiros que acorrem por milhares aos formosos festejos na capital da Beira Litoral



(Fotos exclusivas de «Ilustração»)

(Reprodução interdita)

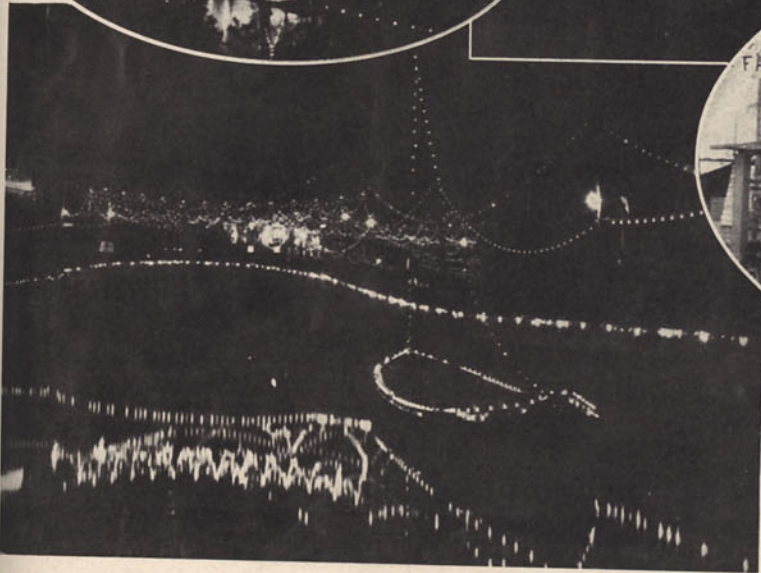
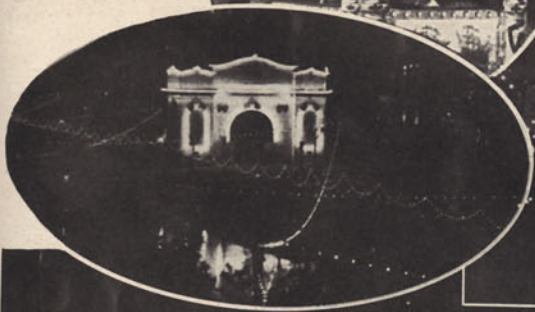
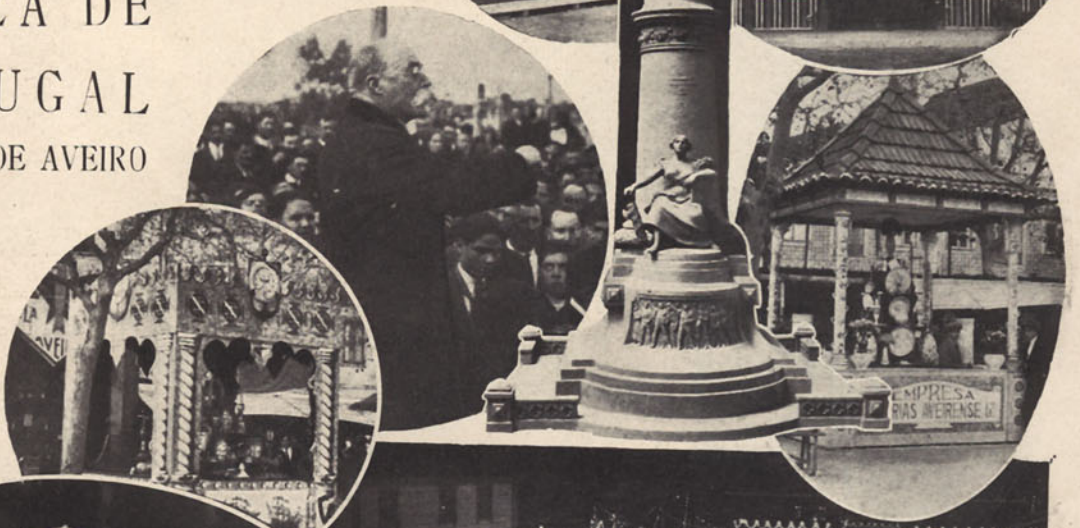
O próximo número será de homenagem ao "team,, português de "foot-ball,, que foi a Amsterdam



VENEZA DE PORTUGAL

AS FESTAS DE AVEIRO

Ilustração orgulha-se de apresentar a mais bela reportagem das grandes festas de Aveiro realizadas há pouco. No nosso próximo número ampliaremos esta informação com uma soberba página dedicada às lindas mulheres de Aveiro com fotos que, como as presentes, são assinadas por Manuel



Abreu, grande artista aveirense. Nesta página damos aspectos da *Feira das Rosas* e seus estands mais pitorescos, o panfleto e jornalista Homem Cristo (pai) orando ante o túmulo de Joaquim José de Queirós, em Verdunilho, a maquete do lindo monumento aos iniciadores do grande Movimento Liberal de 1828, cuja primeira pedra se lançou e que é obra de Tomás Costa, bem como formidáveis clichês inéditos das formosas iluminações da ria e praças de Aveiro

(Clichês exclusivos de Ilustração)

O próximo número será consagrado em grande parte ao desporto e à educação física em Portugal

EXPOSIÇÕES E CERTAMENS



2 — A artística caixa de um dos albums da colônia portuguesa do Brasil a figurar na grande exposição sevilhana



1 — Um aspecto da Exposição duma pequena parte dos trabalhos coordenados pela Empresa Número, do Brasil, destinados a 3 albums demonstrativos do esforço dos portugueses em terras de Santa Cruz, albums que figurarão na Exposição de Sevilha e serão um alto e brilhante documento da vitalidade da nossa raça mesmo quando labuta longe da pátria



3 — Stand da Câmara Oficial de Comércio e Indústria Portuguesa em Espanha, na Exposição Gráfica Internacional realizada ultimamente em Barcelona, onde figuraram trabalhos apreciadíssimos de Alfredo Pinto (Sacavem) e Helder Rosa de Viana do Castelo, bem como material de propaganda artística das zonas de turismo

4 — O primoroso Stand da grande casa «Bial» na última Exposição de Higiene realizada em Lisboa

5 — Aspecto da inauguração, no Salão Silva Porto, da cidade Invicta, da Exposição de José Campas. O expositor com convidados e o sr. general Craveiro Lopes

(Foto Alvaro Martins).

6 — No «Centro Musical» do Porto realizou-se uma audição aplaudidíssima da ilustre professora de piano D. Teresa do Amaral. A professora e suas gentis discípulas

(Foto Alvaro Martins).



O próximo número será de homenagem ao "team,, português de "foot-ball,, que foi a Amsterdam



EDUARDO MALTA

— Retrato —
de M.^{el}o Santa Rita Amado

PELO PAÍS



EM CIMA. — Santarém, vestiu galas pela inauguração do monumento ao marquês de Sá da Bandeira. No cemitério desta cidade, repousam em campa razeira os seus capitães, do seu próprio punho, a seguinte inscrição:

BERNARDO DE SÁ NOGUEIRA

Foi soldado desde o dia 1 de 1810. Combatendo pela independência da pátria foi gravemente ferido e deixou por morto no campo de Vieille, em França; combatendo pela liberdade foi ferido 4 vezes e perdeu o braço direito no Alto da Foz deira. Servindo o seu país serviu as suas convicções.

ções; morre satisfeito, a pátria nada lhe deve. Nasceu em Santarém em 25 de Setembro de 1795 e faleceu em 5 de Janeiro de 1876

NO OVAL DE CIMA. — Homenagem dos Escoteiros do Porto aos Mortos da Guerra. O rev. Aguiar, ex-capelão do C. E. P. pronunciando uma allocução

(Foto Alvaro Martins).

NO OVAL DE BAIXO. — Grupo de operários e populares que prestaram os primeiros socorros, no desencerramento formidável que se verificou na linha do Tua a Mirandela

(Foto Moderna-Mirandela)

EM CIMA. — Um aspecto do descurtilamento ocorrido entre Amieiro e S. Lourenço. O comboio caiu no rio não havendo, felizmente, vítimas

(Foto Moderna-Mirandela)

A DIREITA. — Na Assembléa Commercial Portuense, do Porto realizou-se um brilhante sarau em homenagem à «Casa dos Jornalistas». Grupo de lindas senhoras e cavalheiros que tomaram parte no programa

(Foto Alvaro Martins).



FIGURAS DO MOMENTO



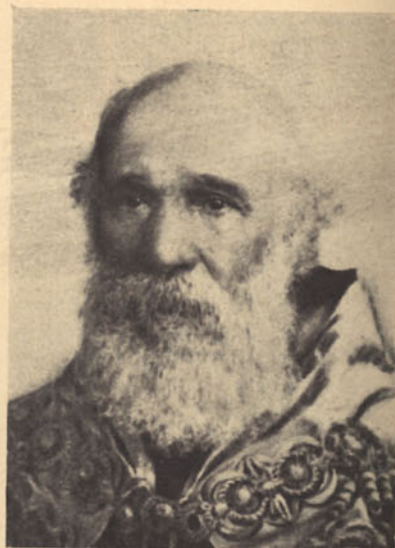
LUCINDA SIMÕES

A mais cruel das enfermidades acaba de vitimar uma das maiores figuras do teatro português de todos os tempos. Lucinda Simões foi, com Augusto Rosa, a introdutora em Portugal da moderna arte histrionica e a mais extraordinária artista de comédia moderna que apareceu nos nossos palcos. Deixando escola e discípulos já no caminho do triunfo, e a gloriosa herança da grande Lucília, sua filha, a genial comediante, ficará para sempre na história do teatro português.



EDUARDA LAPA

ARTISTA de requintada sensibilidade, pintora de méritos brilhantes, a sr.^a D. Eduarda Lapa realizou recentemente na capital do Norte, no Salão Silva Porto, uma larga e notável exposição de pintura, que foi muito visitada e admirada, tendo sido extraordinariamente elevado o número de trabalhos vendidos.



DOCTOR LUCAS FERNANDES PALÇÃO

PASSOU no dia 21 do mês passado o 12.^o aniversário do falecimento d'este ilustre académico, professor e juriconsulto, passamento que foi uma verdadeira perda nacional.



DIVO

DEMINADO o «diabo automobilista», o mais rápido corredor da Europa, que acaba de ganhar mais uma vez a célebre «Targa Florio» a uma velocidade louca, no seu carro «Bugatti».

(Foto H. Manuel).



ALCANTARA CARREIRA

A súbita notícia do falecimento, em terras de Santa Cruz, terras que ele tanto amou, do nosso querido amigo e camarada Alcantara Carreira, foi particularmente dolorosa para a direcção e redacção desta revista. Efectivamente, o homem de bem e prestigioso jornalista que acaba de ser roubado ao convívio de tantos amigos, deixa no meio literário e periodístico uma vaga quasi impossível de preencher. Infatigável obreiro da aproximação intelectual luso-brasileira, grande embaixador jornalístico naquêlê grande país, cheio de desinteresse e primoroso no trato pessoal, Alcantara Carreira só tinha amigos e, portanto, a sua morte é por nós prantenda com emoção sincera. Ilustração acaba de perder um grande amigo.



RIGOLOT

O homem mais forte do mundo, que acaba de erguer 179 quilos e meio ao «jeté», e a bagatela de 139 quilos e meio ao «arrachés», com dois braços, é também um fervoroso ciclista.

(Foto H. Manuel).



EDUARDO SANTOS (EDURISA)

TALENTOSO jornalista e crítico de arte português, notável pela independência do seu critério, que publicou um soberbo opúsculo, «Lourdes», em louvôr da obra teatral do mesmo nome, de Alfredo Cortez.

6 DE JUNHO DE 1927 — 6 DE JUNHO DE 1928

APELES ESPANCA AVIADOR E ARTISTA



O aviador Apelles Espanca aos 9 anos, com a sua irmã, a poetisa Florbela Espanca, então de 11 anos de idade

Ao escrevermos estas palavras, sentimos profundamente tristes. É a saudade de alguém, que surgiu na vida com as mais belas qualidades para poder triunfar.

Foi numa tarde luminosa, quente, já quando o sol desceia no horizonte ofuscado pelos prunhos do crepúsculo, que Apelles Espanca ficou para sempre mergulhado nas águas plácidas do nosso Tejo — nas mesmas águas em que outrora baloiçavam docemente as caravelas que esperavam régias ordens, para irem em demanda de novos mundos.

A Aviação Marítima, ou por outra toda a Aviação Portuguesa, perdeu em Apelles Espanca um dos seus melhores cooperadores. Assim como o grande e imortal Sacadura

Cabral procurou a morte nas águas do Norte, assim Apelles Espanca, seu discípulo, procurou cá a distância, em outras águas, o lugar para a eternidade.

Alentejano de raça, alma moça, éle procurava com as virtuosas qualidades, conquistar qualquer coisa de belo, para este lindo Portugal.

O Alentejo perdeu com a sua morte, um dos seus mais dilectos filhos e Portugal deixou de ter um Herói.

Aspirando sempre a Beleza, o Amor e a

contente em o roubar ao carinho dos seus dedicados camaradas, dos seus entes queridos e amigos, envolveu a sua morte na Tragédia e no Mistério.

Bom seria que a risonha e pitoresca terra



APELES ESPANCA — A varina

Glória, também a divina Arte o impulsionava. E assim vivia entre o glorificar duma heroicidade e da exteriorização da sua inteligência. Era um original desenhador.

Mas tudo se foi como a mais louca fantasia.

O implacável Destino não quiz, e não



APELES ESPANCA — Cabeça de mulher

que lhe acalentou os seus primeiros afagos de adolescência, perpetuasse a sua nunca esquecida e esbelta figura.

Temos a certeza que essa linda povoação, embalada ao ritmo melodioso da heroicidade dos seus filhos, saberá compreender o alto valor que o seu busto representaria perante os que nascem hoje e os que veem amanhã.

Apelles Espanca não morreu — a glória, a heroicidade e a arte, ficam para sempre em nossos corações, como a prece mais sentida.

E o nosso lembrar, trará sempre presente este gentilíssimo moço, tão cedo colhido pela mão invisível e forte daquela que acompanha os nossos passos — continuamente, constantemente e que se chama — A Morte.



APELES ESPANCA — Cabeça moderna

ALBINO LAPA.

VIDA CIENTÍFICA

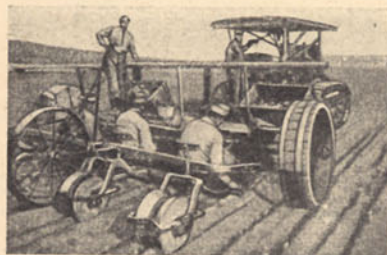
UM SUBSTITUTO DO CAUTCHÚ



Grandes alfôres de guaiulas

O consumo da borracha cresce desmedidamente de ano para ano, principalmente na América, com o grande desenvolvimento do automobilismo. É verdade que a produção tem aumentado também, e poderia aumentar muito mais se os produtores do Extremo-Oriente não lhe tivessem posto restrições, para evitar o barateamento dos preços, há talvez uns oito anos. Esse plano de restrição, denominado «plano Stephenson», é adoptado por dois terços da produção mundial.

Os países consumidores, como é natural, elaboraram também seu plano de resistência. Fizeram-se, desde então, grandes plantações na Sibéria, no vale do Amazonas, e em outros pontos; mas a árvore do cautchú, a *Hevea*, carece de 10 anos para começar a ser sangrada. Procurou-se então um sucedâneo de produção menos demorada, como os franceses, no tempo de Napoleão, procuraram na beterraba o açúcar que já não podiam receber das plantações de cana por efeito do bloqueio continental.



Plantações

raram na beterraba o açúcar que já não podiam receber das plantações de cana por efeito do bloqueio continental.

Foi escolhida a guaiula, planta natural do México, onde existe no estado silvestre. Sabia-se já que ela dava um cautchú de média qualidade; mas com o barateamento de preços e a melhoria de produtos da *Hevea*, o cautchú de guaiula ia desaparecendo dos mercados. Em 1910 a produção orçava por 10.000 toneladas; de 1915 a 1923 apenas a média de 1.000; mas já em 1926 tinha subido para 8.000 e calcula-se que haja presentemente plantações para 100.000 toneladas. A guaiula tem a vantagem de dar cautchú aos quatro anos de plantação e de bastar um homem para a colheita duma quantidade igual à que podem colher dez homens tratando-se do cautchú de *Hevea*.

A guaiula é muito rica de cautchú, a mais rica das espécies de plantas que se conhecem



Sacha

produtoras daquela substância. Esta representa 20 por 100 do peso total da planta, enquanto que na *Hevea* só atinge 1 por 100. Trata-se de uma planta da família das solanáceas, de folhas cinzento-prateadas, flores compostas, cerca de 0,760 de altura e pesando quilo e meio, quando muito. Forma moitas lembrando uma pequena groselheira em plena maturação. O latex encontra-se num tecido colocado sob a casca, e corre apenas se corta um ramo. Parece que defende a planta dos rigôres da seca.

A plantação tem suas dificuldades. Em primeiro lugar é preciso obter sementes férteis, o que exige certos tratamentos apropriados. Essas sementes relacionam-se relativamente à quantidade de produção e à brevidade da maturação, reproduzindo-se por

enxertia as boas variedades obtidas. Fazem-se germinar essas sementes em estufas, e efectua-se a plantação definitiva ao fim de um ano, em lixas, com plantações mecânicas. Fazem-se os amanhos da terra pelo sistema do *dry-farming*, e cortam-se as plantas, com quatro anos de idade, ao nível da



Campo de plantações em estado de colheita

terra. Se o terreno é bom, a mesma planta pode ser cortada três vezes, com intervalos de três anos.

O aperfeiçoamento do cautchú de guaiula e a sua grande produção fazem prevêr uma luta próxima, nos mercados, entre o cautchú desta planta e o de *Hevea*. Como, porém, o consumo da borracha está crescendo em proporções astronómicas, é possível que encontrem emprego tanto a de uma como a de outra origem.

F. MIRA.



Guaiula (*Parthenium argentum*) em pleno desenvolvimento



Livros e Escritores



Raúl Proença

O homem que ajudou a armar um arraial, acendendo-lhe algumas tigelinhas e arvorando em seus mastros duas ou três bandeiras, não deve ficar privado de, no fim, vir dizer que a festança foi rija e louça e nela se cantou e bailou de grande, se essa fór a impressão colhida por seus olhos. Eis por que, tendo escrito para elle meia duzia das mais anódinas páginas que lá se encontram, entendemos que tal facto não nos impede de falarmos aqui, e no tom de elogio que lhe é próprio, do II tomo do *Guia de Portugal*, agora apparecido e que pela certa conquistará êxito igual ao que premiou o anterior.

O nosso papel na feitura do *Guia* foi, em suma, tão subalterno como o do homem que accende luminárias e hasteou bandeiras no arraial. Não nos acomete, pois, o receio de que alguém de boa fé nos venha acusar do feio delicto que enojava D. Francisco Manuel de Melo: o do elogio em lóca própria, que, na sentença do clássico, equivale a vitupério.

Porque, a verdade é esta: se a circunstância de nas abundantes páginas da obra apparecerem em assembléa talentos formosíssimos, como os de Afonso Lopes Veira, Aquilino Ribeiro, Jaime Cortesão, João Barreira, Raúl Brandão, Reinaldo dos Santos, Silva Teles, e *fen passe*, é já sufficiente para no-la impor como preciosa galeria paisagista, — o que primeiramente deve obter realce é a sua traça, intelligentíssima e com inteira fidelidade cumprida, traça que é de Raúl Proença, ex-chefe dos serviços técnicos da Bibliotheca Nacional, hoje no exílio. Escrever bem, com relêvo e cor, usar da pena com a mestria dum pincel afeito à interpretação artistica dum trecho de panorama ou dum monumento sagrado pelos séculos, há, sem menoscabo por ninguém, muito quem o faça. Mas, sem preterir a beleza litterária do texto, subordiná-la a um determinado propósito e enquadrá-la num objectivo de ordem prática, para a consecução do qual se requerem método rigorosissimo e extrema minuciosidade, isso não é tarefa para qualquer de nós, que somos todos muito engenhosos mas estranhamente volúveis, illustres em superabundância mas também muito cabeceinhas-no-ar. Pois foi tarefa para Raúl Proença, que nesta obra revelou uma excepcional capacidade de trabalho, fazendo dela um modelo talvez unico no género, meio termo entre o empertigado Beedeker e o fazeiro album de vistas, um vivo compendio de geografia pitoresca de Portugal, na frase justa do autor. Com o *Guia*, que connosco conversará como um amigo dotado de arguto senso estético, saberemos percorrer melhor a

nossa terra e descobrir todos os encantos que ella contem, porque em seu contacto a sensibilidade avivar-se-nos-há, isto além de, oportunamente, colhermos nelle as indicações precisas para os nossos itinerários. Notável e até o seguinte: Raúl Proença, que tão superiormente tem construído esta obra de disciplina e paciência, cabendo-lhe só por isso as melhores honras do feito, nem sequer como literato deixa de ombrear aqui com os mais brilhantes dos seus colaboradores. A sua pena também se mostra de fina ténpera nos descriptivos, alguns, como os da Praia da Rocha e de Monchique, ambos na faixa algarvia, com a intensidade de cor dum Manet. E que, sob a sua pertinácia viril, sob a sua rija vontade de querer e realizar, vibra um magnífico temperamento artistico. E desta feliz junção de dois dotes, geralmente em guerra aberta mas que em Raúl Proença se combinam para mutuamente neutralizarem seus respectivos excessos, saíu esta obra ao mesmo tempo útil e bela, nem árida nem lirica até o extravazamento, litterária e prática, informativa e recreadora, que já anda nas mãos de todos os viageiros da nossa terra, nacionais ou peregrinos.

Este volume, que amplia a intelligência do texto com um bom número de gravuras e mapas, trata da Extremadura, do Alentejo e do Algarve, ficando assim descrita toda a metade sul do país. Oxalá a obra não tenha de ficar truncada, oxalá vá breve a seu termo, occupando-se, em futuros volumes, da restante metade de Portugal! Porque este *Guia*, sobre cumprir, e bem, a missão de orientar quem viaja entre nós, representa também o mais brilhante atestado de actividade da Bibliotheca Nacional de Lisboa, sua editora, que até há alguns anos não passava dum enorme sepulcro do saber humano.

A famosa questão dos chamados «Painéis de S. Vicente» tem dado muito que fazer às tipografias, cujos donos decerto acenderam velas aos seus santinhos para que jámais o pleito se decida. A bibliografia referente a êsse magno problema artistico com frequência se vê ampliada, e aqui temos hoje mais três das suas espécies a referir: *História critica dos painéis de Nuno Gonçalves*, do sr. Marquês de Jacome Corrêa, arqueólogo muito distinto; *A Rainha Fada* (Breve noticia de uns famosos painéis), assignado por Armando Lassancy, decerto um pseudónimo; e, por último, *A Questão dos Painéis* (estudo histórico e bibliografia), pelo sr. Albino Lapa, prestante elemento do jornalismo lisboeta. Nos dois primeiros trabalhos, os seus respectivos autores, que não só divergem entre si como também doutros criticos de arte e investigadores que se tem pronunciado sobre o assunto, esforçam-se por fazer vingar os seus pontos de vista, baseados já em documentos que compulsaram, já em ilações que supõem as mais lógicas de todas quantas tem sido expedidas. No terceiro trabalho, o objectivo é mais modesto. Nêle não há o propósito de resolver o caso. O seu autor não traz nas mãos candeia de descobridor. Historia apenas a questão e arrola com cuidado todas as peças do volumoso processo. Mas nisto há mérito, sem dúvida, pois quem de futuro se resolve a penetrar neste campo tão cheio de sinuosidades encontra ali um *vade-mecum* bem ordenado e completo, até esta data, excusando de perder tempo a averiguar o que há escrito sobre a interessante matéria. Tanto o opusculo do sr. Armando Lassancy, que attribui ao celebre políptico um significado místico, no seu entender representando a evocação da rainha D. Isabel, mulher de D. Afonso V, como o do sr. Albino Lapa, são illustrados, um e outro reproduzindo os painéis tão discutidos. No livro do sr. Marquês de Ja-

come Corrêa os dados históricos sobre a época em que elles foram pintados e sobre quem os pintou são muito abundantes, o que, todavia, não lhe deu ânimo para dizer a palavra decisiva sobre o problema. Mas todas estas achéguas, não obstante por vezes brigarem umas com as outras, encerram préstimo: algum dia, cansada do seu longo silencio e cedendo às instâncias de tantos Édipos, a esfinge desvendará seu segredo. Esperemos.

O sr. António de Cértima, que trabalha a crónica com muito brilho e escreveu já um livro forte, crispado de sinceridade e de nervoso estilo, *Epopeia Maldita*, deu-nos agora um volume de poemas, *Jardim das Carícias*, que bem pouco nos agrada, por ser uma reviviscência da escola simbolista, mas sem o poder de suggestão estetica de que Verlaine, em França, e Eugénio de Castro entre nós, souberam revestir as suas produções. No *Jardim das Carícias* há rebuscamento de frase, há idéas por vezes incompletas, há confissões megalómanas, como na *Láplide perdida no teu jardim* e em *Esta manhã chorei...* Veludos, sedas, setins, pavões, evocações bíblicas, símbolos heráldicos, jardins irreais, scenas de voluptuosidade, — muitos dos versos que de tudo isto nos falam são, na verdade, feitos com arte, mas são frios, frios de gelar. Poesia assim, não a compreendemos. Neste livro há uma produção que, pelo tema, nos fêz lembrar a *Noiva*, de Augusto Gil, que vem no *Luar de Janeiro*. Lembram-se?

Tive notícias hoje a teu respeito:
«Vai ser pedida. Casa qualquer dia.
É o coração tranquilo no meu peito
— Continuou a bater como batia...

E assim seguem mais onze quadras, dum dizer claro, fluido, de sentimento communicativo. Pois na poesia do sr. António Cértima, parente desta no assunto, sobretudo no desfecho e também no facto de haver uma carta a denunciar que certa mulher que o poeta amou vai casar com outro, a impressão sentida é dada sem calor, sem relêvo, findando mesmo por uma nota que pretende ser original mas é bastante infeliz.

Em suma, *Jardim das Carícias* não veio au-



Albino Lapa

mentar os créditos litterários do autor. Nem de longe se aproxima, no mérito, da sua *Epopeia Maldita*. Porque a vocação do sr. António de Cértima não seja, afinal, a poetica? Talvez esteja aqui o motivo. Daudet disse que «les poètes sont des hommes qui ont conservé leur regard d'enfants». Os poemas do sr. António de Cértima mostram-nos o seu olhar muito pouco cheio de visões infantis.

CÉSAR DE FRIAS.



Vista parcial dum montado

A TERRA PORTUGUESA NOS SEUS ASPECTOS CULTURAIS

VI. — A RIQUEZA FLORESTAL. — (Continuação do n.º 56) — O SOBREIRO

Cobrem as matas constituídas pelo sobreiro, no país, (os montados de sóbro), segundo a avaliação mais recente (memória apresentada ao Congresso Florestal de 1926, em Roma, pelo Professor Mendes de Almeida), o melhor de 550.000 H.^{as}, números redondos, ou seja sensivelmente uma área por metade daquela que foi aqui notificada para os pinhais da nossa terra.

Nenhum país, dos poucos que, na zona mediterrânea, possuem com o nosso o exclusivo desta cultura utilíssima: na Europa, a Espanha, a França e a Itália; e, no norte da África, a Argélia, a Tunísia e Marrocos, apresenta, de sua conta exclusiva, tão grande extensão de sobral. A área espanhola mantém-se um pouco inferior; e não são de prevêr nos países europeus os perigos de uma competência séria na produção de cortiça. Porém, as colónias francesas do norte de África somam já uma superfície cultivada com sobreiro de cerca de 900.000 hectares, e d'este lado surgem, de facto, os competidores de respeito, progredindo rapidamente.

Da produção total de cortiça cabe a Portugal, com as suas 100.000 toneladas anuais, *quasi metade*; e se repararmos que a área referida anda, por sua vez, pelo quarto apenas da superfície total, resultam evidentes, já a posição de destaque que o nosso país continúa ocupando como

principal fornecedor de cortiças, já a intensidade da respectiva produção.

Lançamos no mercado externo 80 % daquela produção anual, pois que as fábricas portuguesas não artefactam completamente, para o consumo interior, mais de 15.000 toneladas anuais.

Nisto nos distinguimos fortemente da vizinha Espanha que é antes, hoje, um país de *indústria corticeira* que de *produção corticeira*, chegando a importar matéria prima para as suas fábricas. Portugal vai, essencialmente, aos mercados não produtores levar-lhes uma matéria prima que lhes próprios tem valorizado, através do descobrimento de sucessivas aplicações da cortiça, que sendo de princípio quasi exclusivamente empregada no fabrico de rólhas, passou hoje, com especial aproveitamento dos desperdícios e das cortiças ordinarias, a ser matéria muito utilisavel, no detalhe como na grande construção, para garantir impermeabilidade e bom isolamento.

Orientação é esta fortemente vincada no nosso «facies» económico, a qual, sem embargo de fazermos progredir nos limites mais amplos a indústria corticeira nacional (que ocupará actualmente uns 10.000 operarios), não devemos de sejar que se perca: pois que a situação privilegiada que nos pertence pela produção está inteiramente presa a esta colocação fácil das cortiças portuguesas no estrangeiro.

O mercado mais certo tem sido, nos últimos vinte anos, até 1924, o mercado inglês, que absorve perto de 30 % da exportação. Nos últimos dez anos — de 1915 a 1924 — o mercado norte-americano surge como um grande consumidor, com cerca de 50 % da mesma exportação. Porém, as cortiças que levam este destino são de fraco valor intrínseco, desperdícios, cortiças virgens, etc.

Em valores, não temos progredido; uma baixa geral nos mercados e a classe mais ordinaria de boa parte da matéria prima que nos compraram, explicam que pudésemos antes da guerra realizar mais de 800.000 £, em média anual, com saídas de cortiça, quando agora não realizamos 600.000 £, não obstante haver quasi duplicado por vezes o volume da exportação.

Cumprir dizer que a situação dos últimos dois anos é promissora, que antigos mercados fortes (como o alemão) voltarão naturalmente a interessar-nos, e que tudo faz supôr que os justificados créditos das cortiças portuguesas, da melhor qualidade, nos garantirão através de tudo e, sem embargo das oscilações de pouca consistência, o lugar primacial a que temos direito.

Acresce que o país não tem, felizmente, exgotados os seus recursos culturais nesta matéria; que pode arrancar ainda maior produção aos montados actuais, quando sistematicamente ordenados na sua exploração; e que pode aproveitar extensos terrenos, hoje quasi improdi-



A cortiça para as fragatas



Condução de cortiça para a pilha

vos — mórmente no centro do país — com o alargamento dos sobrais existentes. Obra de fôlego que requiere esforço continuado!

Arvore portuguesa, como poucas, inteiramente adequada às asperezas climáticas dominantes, de terras pobres fazendo brotar um produto de relativa riqueza e de utilidade constante, merece bem o sobreiro os cuidados do nosso lavrador. É porque a sua cultura, pelas ameudadas limpezas da terra e das árvores, e pelo conjunto de trabalhos que decorrem da colheita, desde a tirada da cortiça ao seu empilhamento no montado, até ao transporte para as fábricas e tratamentos embora simples que nestas receba, porque esta cultura — dizemos — é das que dão emprego a uma avultada mão de obra, ela interessa, por igual, às populações rurais.

Quanto ao interesse geral — que não é mais que o somatorio de todos estes interesses particulares — evidencia-o, pelo menos, o valor que referi para o comércio externo das cortiças portuguesas. São elas, afinal, com os vinhos e, modernamente, com os produtos resinosos que formam, a partir da produção agrícola-florestal, o grosso dos nossos valores de exportação.

AZEVEDO GOMES.

(Clíchê Reynolds).

UM ARTISTA PORTUGUÊS QUE TRIUNFA

EDUARDO MALTA EM MADRID

O QUE ÊLE FAZ E O QUE ÊLE PENSA. — A FAMÍLIA DE PRIMO DE RIVERA E O SEU AFECTO SINCERO PELO NOSSO PAÍS — REVELAÇÕES PICTOESCAS



D. Carmen Primo de Rivera posando para o nosso fotografo-correspondente em Madrid vestida de minhoto

Eduardo Malta triunfou em Madrid e triunfar em Madrid é destacar-se num centro de arte com uma brilhante tradição pictórica, que tem o respeito e a admiração universal. A pesar de não ter feito ainda a sua exposição e de não se ter, portanto, apresentado em público, nos meios aristocráticos, artísticos e intelectuais, o nome do nosso compatriota já é hoje uma realidade que se impõe com a acitação geral e só assim se explica que através da sua vibrante paleta tenham desfilado as maiores personalidades do país vizinho.

Este triunfo é tanto mais significativo quando é certo que Eduardo Malta conseguiu triunfar com os seus retratos, precisos de técnica, flagrantemente de carácter, exuberantes de colorido, num meio onde hoje se encontram os mais conceituados retratistas de todo o mundo. Não devemos negar à *Ilustração* a justa parte que lhe compete no êxito dum artista nacional no estrangeiro. O pintor Malta foi, como oportunamente já aqui dissemos, enviado especialmente por nós a Madrid para a sua valiosa colaboração num número em que brevemente renderemos a

nossa homenagem ao espírito, às belezas e aos valores da Espanha.

O nosso correspondente na fidalga cidade do Manzanares conseguiu do grande retratista algumas impressões curiosas, que queremos oferecer aos nossos leitores.

Assentemos em que uma entrevista com



D. Pilar Primo de Rivera, filha do sr. Marquês de Estela, com sua Ex.^{ma} tia, irmã do illustre chefe do governo espanhol

um português não é das missões mais gratas do jornalismo em uso. As declarações públicas em entrevista requerem ponderação, pesos convincentes, frases feitas e o nosso espírito sempre inquieto e espontâneo não se presta à elaboração de premeditados conceitos, que, por vezes, formam as consagrações.

Nem gabinetes pomposos, nem «halls» magníficos de hotéis cosmopolitas. É no Retiro, neste maravilhoso Retiro, onde o crescido Madrid tem o seu canto em verde, que Eduardo Malta nos confia as suas últimas impressões, em tom de confiança, de amigo para amigo. Por isso mesmo mais interessantes.

— Venho agora — começa o simpático compatriota — da casa de Primo de Rivera.

— Mas você não fez já o retrato do General?

— Já. Mas o retrato que lhe fiz foi tanto do seu agrado que o Presidente quiz ter a amabilidade de me encomendar um retrato das suas filhas, que, de passagem se diga, são duas gentilíssimas «señoritas», cheias de distinção e simpatia. Tem-me rodeado de atenções e nunca posso esquecer a deferência de Primo de Rivera, que depois de me ter apresentado a toda a gente com as frases mais encomiásticas, declarando que o meu retrato e o de Lazló, o famoso pintor inglês, eram os melhores que lhe tinham feito, levou a sua amabilidade a conceder-me tão revelante prova de consideração.

Antes de prosseguir, devemos uma explicação. Há muito que a entrevista estava pedida a Eduardo Malta. O assunto era sugere-



Eduardo Malta ante o retrato das filhas do sr. general Primo de Rivera

tivo e, de resto, tratava-se dum acontecimento nacional. Sempre julgamos que os artistas são os mais capacitados embaixadores dum país e temos fé cega na eficácia diplomática desta acção, que é a que mais convence e atrai pelo seu fundo de realidade na revelação das qualidades espirituais dum povo. Havia, repetimos, motivo para entrevista. E Eduardo Malta quis abrilhantar esta página, proporcionando-nos fotografias especiais da família do ilustre Presidente do Conselho de Ministros espanhol, que foram obtidas pelo nosso redactor gráfico em Madrid sr. Zárraga. Entremos, pois, um pouco na intimidade da família de Primo de Rivera. As *inconveniências* do jornalista, que se deve à curiosidade pública, não chegam a constituir pecado mortal e desta vez actuamos de cumplicidade com o nosso Malta, que assim nos *pintou* as «señoritas» Carmen e Pilar Primo de Rivera.

— São duas raparigas encantadoras, duma comunicativa simplicidade e duma insinuante elegância. Mas o que nelas mais me entusiasmou foi a sua decidida simpatia pelos portugueses e pelas coisas de Portugal. Veja você este retrato.

Eduardo Malta mostra-nos o retrato de Carmen Primo de Rivera, vestida de minhota, que hoje honra esta revista. O jornalista acredita piamente nas qualidades de bondade que o excelente pintor atribui à «señorita» Carmen, que se retratou, não com a albigueirinha da minhota, que só promete e desaponta, como é de uso e costume, mas com o estentoso coração de espanhola flagrante de verdade e daquela emoção tão cativadora que é a mais acentuada característica das mulheres de Espanha. Mas, não interrompamos. O Malta tem a palavra:

— Como esta fotografia é simpática para nós, portugueses!

— E você conhece a história dêsse vestido?

— Sei que Carmen Primo de Rivera esteve há um ano, mais ou menos, no Pôrto e nas festas da Agonia, em Viana do Castelo. Ficou tão encantada com as vistas da Princesa do Minho, com os seus hábitos e colorido («nunca vi tanta côr junta!» — expressão textual sua), que quis trazer uma lembrança e comprou um vestido de lavradeira de Viana. Esteve de incógnito, na nossa Terra, com uma família galega. Mas poucas horas antes da sua saída, os estudantes portuenses tiveram conhecimento, ainda ela não sabe como,

da sua estada na Invicta e foram ao Grande Hotel do Pôrto, onde lhe fizeram uma manifestação de franca simpatia por Espanha, tão bem representada pela gentil filha do grande estadista. Aí vai outra nota de portuguesismo: muitas vezes, enquanto vou pintando, trauteamos os dois o fado do 31, que ela sabe em português e aprendeu em Portugal.

— !...

— Pilar, a morenita, que é a mais nova, também tem, a pesar de nunca ter estado em Portugal, a sua relação com a nossa Ter-

respondência, onde as duas fisessem as suas confidências. Ainda hoje, e já lá vai perto dum ano, esta correspondência se mantém com o mais acêso interesse. E o mais engraçado é o protesto de Carmen: — Porque seria — observa ela — que a sua «paisana» se dirigiu a minha irmã e não a mim, tendo vindo as duas retratadas?

A nossa romântica compatriota deve uma explicação à filha mais velha do sr. Marquês de Estela.

A entrevista tinha que terminar aqui.



As «señoritas» Carmen e Pilar Primo de Rivera, filhas do general Primo de Rivera, Marquês de Estela, pousando para Eduardo Malta... e para a *Ilustração*

ra. É uma história curiosa que lhe quero contar. Como sabe, aqui há tempos, a *Ilustração* publicou as fotografias das duas irmãs. Houve uma nossa compatriota que, com um gesto romântico e por pura simpatia *gráfica*, decidiu-se a escrever à «señorita» Pilar, pedindo-lhe que iniciassem uma mútua cor-

Anoitecia. O canto verde do Retiro tornava-se, a pouco e pouco, em lamento violáceo. Ouve-se uma sineta ao longe. É a hora de fechar o grande parque, que é uma das maiores belezas da capital da Espanha.



A PEREGRINAÇÃO A FÁTIMA

Consagrada como um facto nacional, esta formidável peregrinação a Nossa Senhora do Rosario de Fátima, vai aumentando de ano para ano em entusiasmo devoto e em grandeza como parada de fé popular. Por isso *Ilustração* lhe dá um lugar de destaque nas suas páginas de informação e de arte, sendo a única publicação ilustrada portuguesa que enviou os seus fotógrafos à peregrinação deste ano. Agradecemos, contudo, aos nossos colegas as reproduções e transcrições das nossas reportagens passadas, e em especial ao brilhante semanário *Notícias Ilustrado* que, no seu número dedicado a este acontecimento religioso teve a gentileza de reproduzir em lugar de destaque as fotos de Mário Novais por nós publicadas no ano passado, e que são as mais belas que tem sido colhidas na Lourdes Portuguesa. Nesta página reproduzimos empolgantes aspectos da procissão, da comunhão de peregrinos, da luta pela água de Fátima e da vasta Cova da Iria, cheia de devotos

(Fotos Mario Novais)



ILUSTRAÇÃO

NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE FÁTIMA

Aspectos flagrantes da devoção popular e do misticismo dos humildes, colhidos pelo fotógrafo da *Ilustração*



Ilustração foi a única revista ilustrada que este ano enviou fotografias a Fátima. Alguns documentos reproduzidos em publicações congêneres são relativos a peregrinações transactas

ÁGUAS MILAGROSAS POVO DE CRENTES

Esta página de soberbas fotografias de Mário Novais, nosso fotografo, é uma simples homenagem ao humilissimo povo das aldeias, de norte a



sul de Portugal, que accorre a Fátima neste Maio agreste, não levado pela curiosidade mas pela fé, essa fé com que os vemos aqui, na ardente disputa das águas milagreiras que hão de curar-lhe males que os homens dizem sem remédio, talvez que na sua imensa ignorância



FEMININA

CHAPÉUS E VESTIDOS LANÇADOS EM JUNHO
PELOS COSTUREIROS DE PARIS

(1) — Lindíssimo chapéu em bangkok negro, guarnecido de fita escocesa róxa e verde, criado por Cora Marson para a linda actriz Colette Darfeuil, um dos ídolos de Paris. (Foto G. L. Manuel Frères). (2) — Chapéu de Camille Roger, em palha branca e fita azul marinho. (Foto G. L. Manuel Frères). (3) — Um lindo conjunto lançado por Philippe et Gaston. Vestido inteiro



conjunto de Caroline, saia, blusa bordada em crêpe da China e casaco leve de pano de setim, tudo em vários tons de rosa ou de mauve. (Foto H. Manuel). (7) — Vestido de crêpe da China estampado, corte originalíssimo com folhos e golets, lançado em Paris por Mng Helly. (Foto G. L. Manuel Frères). (8) — Chapéu delicioso de graça e originalidade em palha e penas negras, da casa Camille Roger, de Paris. (Foto G. L. Manuel Frères).

e casaco em crêpe da China azul electrico, inteiramente cobertos de caprichosos bordados em Soutache Taupe. (Foto G. L. Manuel Frères). (4) — Um outro lindo chapéu estival de Camille Roger em bangkok natural guarnecido de pétalas em fitas salmão e azul ríal. (Foto G. L. Manuel Frères). (5) — Um formosíssimo chapelinho de «jose

em palha tricôt branca e preta, prégio de strass. (Foto H. Manuel). (6) — Um delicioso

LER E ASSINAR A VOGA É O DEVER DE TÔDA A SENHORA CHIQUE, DE TÔDAS AS BOAS MÃES, DE TÔDAS AS SENHORAS QUE QUEREM CONSERVAR AS MAIS BELAS E ALTAS QUALIDADES DE DISTINÇÃO, BOM GÔSTO, MORALIDADE E ELEGÂNCIA QUE TORNAM INCONFUNDÍVEL A MULHER PORTUGUESA.

CINEMATOGRAFIA

GRAUSTARK



Encontraram-se... e amaram-se...

Casada há muito com Joseph M. Schenk, o grande director de produção, trabalha actualmente para os «United Artists», de que faz parte com John Barrymore, Charlie Chaplin, Douglas, Mary Pickford, Griffith e seu cunhado Buster Keaton, o cómico soberbo da flegma.

Um dos grandes filmes de Norma foi «Graustark», que interpretou ao lado de Eugénio O'Brien e o grande artista de composição Marc Mac Dermott, o homem que há dez anos era notável no mesmo género de Menjou quando este appareceu como criador do género *cinico elegante*, aliás já explorado

com brilho por Lew Cody. E passemos ao argumento de «Graustark».

Dois combóios pararam numa estação e o acaso fez com que, defronte um do outro, parassem os dois wagons-restaurantes, e por isso Gerardo Lorry, viajante dum dos combóios abandonou a viagem em que ia para passar ao outro expresso, cativado pela formosura e pela distinção duma linda senhora que seguia itinerario oposto. Essa linda senhora apeia-se em certa estação e logo lhe fogem, pelos campos fóra, dois lindos cães que trazia. Gerardo apanha-os, perdem am-



Eladia era, afinal, a princesa de Graustark

Norma Talmadge é unanimemente considerada na América como a mais extraordinária trágica do écran, e como tal devia ser vista também em Portugal. Nenhuma outra artista tem, como ela, uma tão grande naturalidade, nenhuma se nos mostra tão serenamente grande e tão soberbamente verdadeira.

Em Norma Talmadge, como na Duse, como na Réjane, não são os grandes gestos nem as grandes atitudes convencionais que servem para interpretar e exprimir toda a gama de sentimentos humanos que o teatro ou o cinema são chamados a plasmar. Pelo contrário, Norma Talmadge, como artista que toca o sublime, prefere a expressão inquieta do olhar ao acrobático contorcer do corpo em espirais bertinescas, prefere os longos silêncios de recolhimento e concentração passional (porque até na arte muda há silêncios e tagarlices), às gesticulações que quasi sempre, pelo seu exagero, tocam as raias do ridículo.

Norma não é, pois, uma artista convencional e, portanto, não é uma artista popular. As suas produções, de resto, chegam-nos tão raramente que o grande público se esquece desta formidável artista da expressão. Mas os que sabem ver cinema terão sempre um belo regalo espiritual quando appareça num filme o rosto encantador, sem ser bonito, da grande trágica americana.



Casaria com o hipócrito que seu pai lhe destinava...

bos o combóio, correm de automovel a apunhá-lo numa estação mais longe, e ficam prendados um do outro, amando-se, Gerardo Lorry e Eladia de Guggenslocker.

Em Nova York se hospedam no mesmo hotel o jóven americano e a linda Eladia com os senhores Guggenslocker. Mas estes repelem a ideia da sua pupila de casar com o americano porque acaba de chegar o príncipe Gabriel de Axphain que traz ordem para que Eladia, na verdade filha dos príncipes de Graustark, voltasse para junto de seus pais. Eladia parte sem se despedir de Gerardo, mas este, enamorado loucamente, segue a bela princesa, para êle ainda uma burguesinha, até Graustark, e pede ao embaixador americano que lhe procure a «menina Guggenslockers». Este não consegue encontrá-la, mas levando Gerardo a um baile na cõrte êste vê, com assombro, que a sua amada é princesa e está noiva, por imposição do pai, do príncipe de Axphain, herdeiro do trono do país visinho. Eladia viu-o também e recebe-o clandestinamente no palácio, na tarde seguinte, combinando novamente verem-se noite alta. Mas o ajudante do príncipe Axphain previne êste, que decide des-embaraçar-se do seu rival.

Gerardo, depois de que o ajudante do príncipe o atacou para o apunhalar, defende-se bravamente e acaba por o prostar de um tiro, e o príncipe folga porque o americano é condenado à morte pelo tribunal militar. Mas a princesa está disposta a tudo para salvar o homem amado, e para isso veste a sua aia, a condessa Dagmar, com os seus próprios atavios principescos para que assista, de rôsto velado, à missa palaciana, enquanto ela trabalha pela salvação do condenado. Um dos fieis oficiais da princesa dá o uniforme a Gerardo e tudo correria bem

se o príncipe não tivesse descoberto a condessa Dagmar, o que deu origem a que o americano fôsse novamente preso. Então Eladia consente em casar com o príncipe em

afinal, simulára ter sido vítima para o comprometer. Gerardo arrasta o falso morto ao palácio e chega a tempo de suspender o casamento, desmascarando o príncipe, que é



Acciton ser esposa do príncipe para salvar Gerardo...

troca da liberdade de Gerardo. Mas êste vai encontrar num *cabaret* fóra da fronteira o homem por cuja morte fóra condenado e que expulso pelo pai de Eladia. E, como é costume no cinema e às vezes na vida, Eladia casou com Gerardo.



O casamento de Eladia devia ser interrompido a tempo...

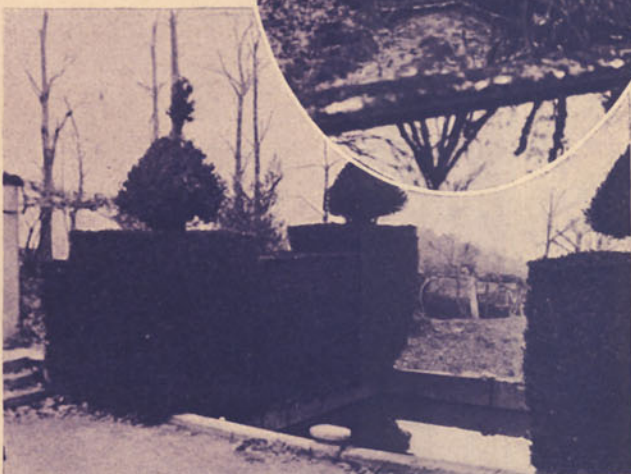
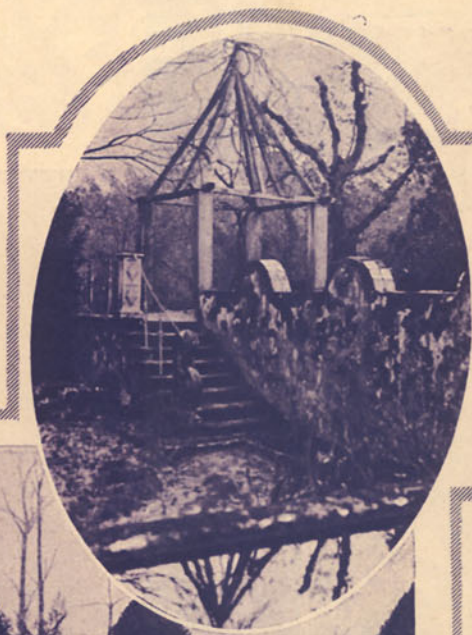
A CASA PORTUGUESA

JARDINS DO CONVENTO DE TIBÃES

BRAGA

É a primeira fundação dos Beneditinos em Portugal. O que hoje aqui existe é, na sua maior parte, obra seiscentista. No convento restam ainda trechos interessantes da decoração das salas; não menos interessantes, porém, são os grandiosos jardins que escalam a encosta em terraços, escadórios, variadas fontes, latadas, tanques e outras obras decorativas em que o granito lavrado se casa, de modo a um tempo austero e pitoresco, com as figuras fantásticas de buxo talhado.

Pertence esta esplêndida quinta ao sr. José Marques, que muito criteriosamente lhe conserva seu carácter antigo em constantes obras do mais atilado restauro.



ILUSTRAÇÃO

SOCIEDADE ELEGANTE



D. OFÉLIA DIOGO

ILUSTRE ARTISTA, SENHORA DA MELHOR SOCIEDADE PORTUENSE E QUE TEM SIDO CELEBRADA COMO CANTORA DE DELICADOS RECURSOS
EM RECITAIS REALIZADOS EM LISBOA E PORTO



OS NOSSOS ARTISTAS

(DESENHOS DE BOTELHO)

LUISA SATANELLA

114 anos, o Rio de Janeiro foi sobressaltado pela aparição de uma rapariga de olhos enormes, olhos negros como sorvedouros e com uma linha elegante e hierática, qual bai-

rosto como janelas rasgadas, onde se debruçavam a sua alma de artista e o seu grande coração de mulher.

Como artista do género musicado, Luísa Satanela não tem quem rivalise com ela na graça e na elegância de atitudes.

A bailarina ajuda prodigiosamente a actriz. O seu corpo esbelto, a que a gymnástica estética empresta uma linha inconfundível, valoriza qualquer *toilette*, por mais simples e desprezenciosa que seja.

É pena que as nossas artistas não façam gymnástica — essa gymnástica de atitudes — e não aprendam a esboçar alguns passos de dança, o que lhes daria mais graça ao andar e mais harmonia ao gesto.

Luísa é de origem italiana, mas com tanto amor se tem dedicado ao teatro português, que hoje é nossa e bem nossa.

O seu coração é igual ao seu talento. Todas as boas obras a interessam.

Na *Semana dos Artistas* foi ela quem mais lucros obteve. Só à sua parte, pelo seu esforço próprio ganhou sete contos. Foi ela que mereceu a máquina de escrever que davam como prémio à artista-caixeira que mais vendas fizesse.

E como não havia de ser ela?

Quem pode resistir ao seu sorriso, que é todo um poema de bondade e graças?

ESTEVAM AMARANTE

Um homem de teatro às direitas. Conhece o público como a si próprio. Posso mesmo dizer que o conhece melhor, porque ele não sabe como certeza quanto vale, que é muito mais do que ele podia supor, mesmo que fôsse vaidoso — que o não é.

E como conhece o público e sabe de todos os cordelinhos para o mexer, arranjou em cada espectador um admirador e um amigo.

E não se imagine que esses cordelinhos de que falo são de mau gosto e sem arte agitados, como muito se vê por aí em qualquer ramo artístico. Não, os cordelinhos com que Amarante prende o público são de ouro do mais fino quilate, o ouro do seu talento, um dos mais preciosos talentos histriónicos de

que os nossos palcos justamente se orgulham. Em qualquer género, ele é grande e em todos os papeis põe uma marca diferente da sua garra de artista.

Como galã cómico, Amarante, que dança e



larina dos templos sagrados cantada por Pierre Louys, na *Afrodite*.

Passeava-se pelas ruas centrais e populosas, sempre de carruagem, acompanhada por um cão de luxo — que a pesar de cão era invejado por muitos homens, que de boa vontade tomariam o seu lugar aos pés de sua dona gentil.

Farta de homenagens e cheia de galanteios, Luísa Satanela, pois assim se chamava a serjeia que prendia ao seu canto enfeitado o povo brasileiro, resolveu voltar a Lisboa, terra de inolvidáveis recordações para ela.

Foi em Lisboa que Luísa começou a triilhar a senda espinhosa da arte, foi aqui que ela passou os melhores dias da sua infância e onde começou florindo a sua mocidade.

Tinha começado como bailarina e voltou actriz.

Satanela entonteceu Lisboa como entonteceu o Rio de Janeiro. Cá, como lá, os poetas cantaram os seus olhos, que se abrem em seu



canta com a elegância e a finura de um actor francês, não encontra entre nós um rival digno de bater-se com ele.

Mas as suas aptidões multiformes levam-no a dar-nos, com brilho igual, papeis antagonísticos, como o *João Ralão*, de saudosa memória, e o *tio Bacalhau*, que com sua voz cançada e rouca recorda os bons tempos da sua pobre «tipoia».

Depois, para ser completo, Amarante como empresário é um modelo de honestidade e competência.

Os seus artistas querem-lhe tanto, como ele os estima. O público sente-se bem no seu teatro, onde se respira uma atmosfera saudável de trabalho e disciplina. A sua companhia secunda-o brilhantemente no seu esforço.

Bravo general e valentes soldados. É assim que se ganham batalhas. Foi assim que Estevam Amarante ganhou as suas divisas e impôs o seu «exército» à admiração do público.

MERCEDES BLASCO.



O capitão Fernando Leitão, comandante da Companhia Portuguesa de Voluntários de Shanghai

É nossa intenção levar ao conhecimento dos leitores da *Ilustração* e de todos os portugueses, se indirectamente assim for possível, o que é a Companhia de Voluntários Portugueses de Shanghai. Outro intuito nos não move, que não seja o de louvar a acção dum grupo de portugueses, na sua maior parte filhos de Macau, que na cidade de Shanghai militam não só em sua própria defesa, mas também para enaltecer Portugal distante que muito amam, respeitam e honram. A sua acção tem sido coroada de grande êxito, não só dentro do corpo de Voluntários, onde a Companhia Portuguesa marca como uma das de *élite*, mas também entre a grande população cosmoplita de Shanghai, muito contribuindo para não deixar descer do pedestal de admiração e respeito o grande

NO INFERNO CHINÊS

A COMPANHIA DE VOLUNTÁRIOS PORTUGUESES "CORONEL MESQUITA"

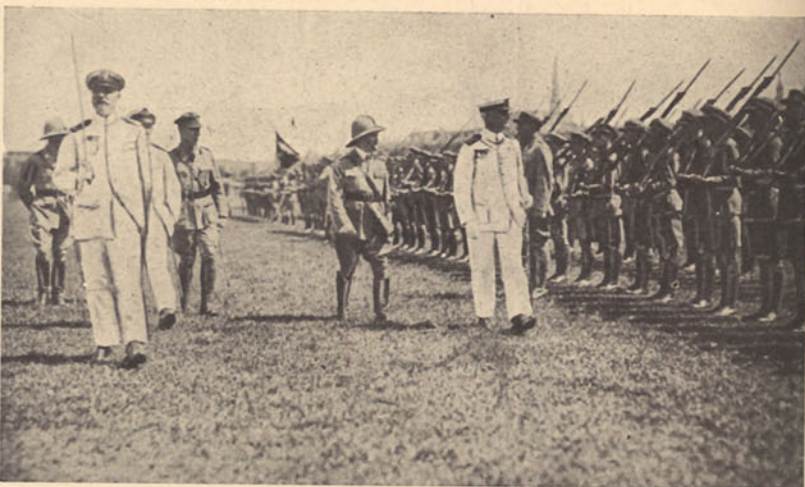
nome que Portugal tem ainda em tôdas as paragens do Oriente.

A cidade de Shanghai é formada por duas partes inteiramente diferentes: —o Settlement on parte internacional, que é como qualquer grande cidade europeia e a Cidade China, que é caracteristicamente chinesa. A primeira tem como permanente defesa o Corpo de Voluntários, formado por companhias de estrangeiros residentes. Além de Portugal fazem-se representar neste Corpo de Defesa a Inglaterra, Estados Unidos da América do Norte e Japão; a França tem uma Concessão

própria e por isso defesa separada. Há também a Companhia de Voluntários Russos (brancos), que é a única a quem a Municipalidade paga, não só por atender às precárias circunstâncias em que vive a colónia russa, mas também por ser empregue no policiamento da cidade em condições normais.

A Municipalidade concorre com tudo o necessário para manter em eficiência as outras Companhias, mas estas só são mobilizadas em ocasiões anormais.

A Companhia de Voluntários Portugueses



S. Ex.^a o Comodoro Ivens Ferraz acompanhado do Comandante do Corpo de Voluntários de Shanghai, Mr. Gordon, e do Comandante do batalhão, capitão-tenente Eduardo C. L. Vilarinho, passando revista à Companhia de Voluntários Portugueses



Fotografia tirada depois da revista passada pelo sr. Comandante do cruzador *Adamastor* à Companhia de Voluntários Portugueses. — 1.^o plano sentados — da esquerda para a direita: 1.^o tenente da Administração Naval, Edmundo P. de Balsecão; Residente português, Fernando J. de Almeida; 1.^o tenente engenheiro maquinista, Carlos O'Sullivan Simões; Capitão inglês, Mr. Sandals, ajudante do Corpo de Voluntários; Capitão-tenente Francisco Luís Rebelo, imediato do *Adamastor*; Coronel inglês Mr. Gordon, comandante do Corpo de Voluntários; Capitão de fragata Jorge Parry Pereira, Comandante do cruzador *Adamastor*; Capitão Fernando Leitão, comandante da Companhia Portuguesa; Mr. Fessenden, Presidente do Conselho Municipal de Shanghai; João Botelho, Vice-consul português em Shanghai; Director da Carreira de Tiro do Corpo de Voluntários; Residente português, José M. P. Remedios; Capitão da Companhia Portuguesa, Padre francês Mr. Jacquinet; Major António M. Diniz, ex-comandante da Companhia de Voluntários Portugueses; 1.^o tenente Gabriel Prior. 2.^o plano, de pé — esquerda para a direita: tenente Matias Campos, da C. V. Portuguesa; 2.^o tenente engenheiro maquinista José Rodrigues dos Santos; 2.^o tenente engenheiro maquinista Pereira da Silva; 2.^o tenente engenheiro maquinista Lolato de Faria; tenente Manuel Leitão, do Corpo de Voluntários Portugueses; Português residente, sr. Machado; 2.^o tenente engenheiro maquinista Eugénio Castro Sequeira; tenente Sequeira, do Corpo de Voluntários Portugueses

«Coronel Mesquita» tem o nome de um bravo macaense, o tenente de artilharia Vicente Nicolau de Mesquita. Em 25 de Agosto de 1849, três dias depois do assassinato do governador Ferreira do Amaral, sendo a situação de Macau insustentável ante o bombardeamento feito pelo forte chinês Passaleão, que a artilharia das Portas do Cêro não atingia, Mesquita ofereceu-se para o ir tomar. Acompanhado de alguns soldados, expulsou e perseguiu os quinhentos soldados chineses que o guarneciam e assim salvou Macau duma invasão iminente. Da Comunidade macaense recebeu Mesquita uma espada de honra, em 1910 foi o seu nome dado à Companhia de Voluntários Portugueses de Shanghai.

A presente companhia é a última de várias outras que existiram desde a formação do Corpo de Voluntários em 1854, mas que por razões várias se desfizeram. A necessidade duma força organizada que protegesse a comunidade portuguesa de Shanghai, até então sob a protecção das comunidades estrangeiras, a falta de navios de guerra portugueses nas águas chinesas, a demora em receber auxílios de Macau e por último o dever imposto a todos os portugueses residentes de contribuir para a defesa geral, levaram um grupo de antigos portugueses residentes a conceber a ideia da presente Companhia. Entre eles estão Fernando J. de Almeida, José M. P. Remédios, João Nolasco da Silva, Hermenegildo Pereira, Filomeno Mates, Joaquim Fausto das Chagas, etc., que com inteligência e perseverança conseguiram, não só com a formação duma companhia portuguesa, mas também a sua incorporação como uma unidade no Corpo de Voluntários de Shanghai, em 26 de Fevereiro de 1906.

Em 27 de Fevereiro de 1926 celebraram a Companhia Portuguesa, muito festivamente,



Amanhecer no rio Wang Pó—Shanghai

o seu vigésimo aniversário, sendo-lhe oferecida, com tôdas as honras, uma bandeira



Um dos carros blindados do Corpo de Voluntários de Shanghai durante as provas de condução

nacional bordada pelas senhoras portuguesas residentes em Shanghai. Ao seu comandante,

major A. M. Diniz, foi oferecida também uma espada, pela sua própria companhia, em reconhecimento dos vinte anos de serviços prestados.

Sucedeu-lhe no comando o capitão Fernando Leitão, espírito muito culto, enérgico e activo, que, auxiliado pelos tenentes Manuel Leitão, Matias Campos e Sequeira, em quem as excelsas qualidades abundam também e pela compreensão clara de deveres e direitos que cada voluntário possui, tem dado à Companhia Portuguesa o máximo de eficiência, que um organismo desta natureza pode possuir. Foi assim que, sem optimismo, mas fazendo justiça imparcial, pudemos julgar a Companhia de Voluntários Portugueses, quando com as companhias de marinha e do exército colonial tomou parte na revista passada por Sua Ex.^a o Comodoro Ivens Ferraz às forças portuguesas em Shanghai, mais tarde em paradas e exercícios que lhe vimos executar e muito especialmente pelo estreito convívio que fizemos com o seu comandante e oficiais.

Para comprovar a sua eficiência diremos que, de 1919 a 1921, ganhou o primeiro prémio dos concursos de tiro entre as companhias do Corpo, em 1920 a Taça Inglesa, em 1921 a Taça Barnes e depois tem-se mantido sempre entre as primeiras classificadas.

Sobre a consideração que gosava dentro do Corpo de Voluntários a Companhia Portuguesa poderemos sintetizá-la dizendo que cada subordinado procura imitar o seu chefe e que este, segundo afirmou o Comandante de todos os Voluntários, coronel inglês Mr. Gordon, era o homem mais eficiente dentro do Corpo de Voluntários de Shanghai.

GABRIEL A. PRIOR.
1.^o Tenente

JOSÉ R. DOS SANTOS.
2.^o Tenente Eng. Maq.



O rio South Creek que separa as zonas a defender pelo Corpo de Voluntários e pelas Forças Internacionais de Marinha e Exército

CRÍTICA E CRITICOS MUSICAIS

Creio eu que tóda ou quasi tóda a seguinte talagarça de considerações podia ser sugerida pela crítica de tódas as artes; mas sendo o terreno musical aquele que melhor conheço, prefiro não abdicar da mais absoluta responsabilidade, referindo-me apenas à crítica musical e críticos seus representantes.

Em princípio, criticar é apontar defeitos e qualidades; é elucidar o público, tanto quanto fór possível, sobre o valor da obra, ou do artista, — ou de ambos — que éle acaba de ouvir; é aconselhar os intérpretes de modo a que cresçam os seus meios de servir a arte; é despertar o gôsto pelas multiplas formas e cambiantes da Beleza corporizada pelos sons; é trabalhar para ajudar a que vença e vingue mais um pouco de consoladora Verdade! Nem sempre o gôsto do público e a verdadeira arte vão a par; e é justamente quando a missão da crítica, honrosamente aos pés da Revelação, se aparenta mais intimamente dum sacerdócio ideal, — imutável na sua fé, procurando reparti-la, e mesmo que o consiga, vendo sempre ante si a escala sem fim de ensinamentos, novos, aonde não é impossível estar armada alguma cilada, para castigo dum descuido ou duma prosápia.

Vê-se que este princípio ao mesmo tempo que é vasto, é regido por rígidas leis, moral e estéticamente. Nos centros onde imperam deficiências e dificuldades, embora seja lamentável, é coerente que se escorregue a contemplações de vária espécie...

Na crítica assim definida, fica compreendido desde a simples notícia até à procura do fim artístico e sua análise, passando pelo esclarecimento técnico, a biografia, e tóda a possível propaganda.

Fragmentadas as habilidades, principia-se, — aqui, pelo menos, — a dar o nome de crítico ao benévolo informador mundano, ao amator apaixonado (pela música) que aproveita as entradas e paga com a conseqüente prosa fioriturada. O crítico «*chercheur de petites bêtes*», o crítico por excelência, na accepção caricatural dos artistas de tódas as partes do mundo, e o puro pedagogo que se deleita no conhecimento livresco, também existem, mais a sua tão decantada e curiosa imunidade emotiva. E o farto caudal das dádivas da amabilidade a nascerem sempiternamente das próprias dívidas, ondula pelas salas e pelas publicações, farto, sinuoso, scintilante...

Porém, se por tudo que aí fica se encontra grande ou pequena utilidade, — na peor das hipóteses uma inutilidade inofensiva, — falta mencionar uma classe de críticos, a única verdadeiramente nociva, e mais ainda desprestigiosa. São os críticos que se servem do lugar para fazer jôgo pessoal, *política*, no que o termo tem actualmente de desacreditado. Uma desforra de homem a homem, — de criatura a criatura, quero dizer, — a liquidação dum rancor, uma possível experiência de «*chantage*» abrigadas atrás as obras de arte e as apreciações que se lhes pode fazer desacreditam tristemente quem tem a estranha ousadia de assinar. Não ignoro que nos encontramos todos mais ou menos metidos numa engrenagem de interesses, cujas conseqüências alteram muita intenção nascida de pura fonte, mas há limites; hoje, como cem ou mil anos atrás, existe honradez, consciência, escrúpulo, e o infosismável valor da assinatura que se presa de representar a personalidade.

É mais consolador constatar que a crítica

tem igualmente valores excepcionais a praticá-la, — não falando em portugueses cuja modestia tinha facilidade em contas, — mas apontando nomes que todos conhecem, contudo: Vincent d'Indy, por exemplo, e, entre outros, o maior músico francês do princípio do nosso século, Claude Debussy. Nem um nem outro tinham marcada simpatia pelo crítico de profissão, mas ambos teem verdadeiros artigos de crítica, apologistas ou satíricos, conforme o assunto. Antagonistas por temperamento e porque os seus próprios discípulos e admiradores ergueram os seus «*sistemas*» um ante o outro, nunca quebraram a nobreza de attitude e a recíproca estima.

E fecho com parte da profissão de fé do mesmo Claude Debussy a respeito da crítica, original, como tudo no grande homem, mas indelévelmente marcada pela sofreguidão de sinceridade, e com cujo princípio concordamos em absoluto muito antes de conhecer as opiniões de Debussy.

«*Sinto a curiosidade das impressões sinceras e lealmente recebidas muito mais do que a crítica propriamente dita. Faço por ver, através as obras, os movimentos multiplas que as fizeram nascer, e o que elas encerram de vida interior. A música é uma totalidade de forças esparsas, e querem torná-la numa mera canção especulativa!...*»

«*O entusiasmo dum meio estraga-me um artista, tal o meu medo de que éle venha a não ser mais do que a expressão dêsse meio...*»

«*É preciso procurar a disciplina na liberdade, e não nas fórmulas duma filosofia caduca; não escutar conselho algum, excepto do vento que passa e nos conta a história do mundo!*»

FRANCINE BENOIT.

ATLANTIDA

ROMANCE

de PIERRE BENOIT
ILUSTRAÇÕES DE ROBERTO NOBRE

(Romance votado no concurso do *Magazine Bertrand* e publicado nas nossas páginas por acôrdo com aquela revista)



Ora uma bela manhã de primavera de 1862, o hétman de Jitomir recebeu várias cartas: uma era do imperador, que o mandava estar às quatro horas nas Tulherias; outra de Clementina, que ele tinha roubado ao príncipe de Metternich e todos tinham vontade de lhe roubar a ele, a qual lhe mandava dizer que o esperava às cinco horas; e as outras eram contas dos fornecedores daquela senhora. Só de leite antefélico eram cinquenta e sete francos.

Foi ter com o imperador que estava à espera d'ele, e queria nem mais nem menos que isto: que o conde fôsse mostrar à embaixada tuaregue que havia de chegar no dia seguinte, todos os esplendôres da vida de Paris, com o recato e delicadeza que era necessário usar com gente de religião tão meticulosa. Apesar do pasmo que tão extraordinária incumbência causava ao hétman, o imperador insistiu e declarou que lhe dava carta branca. O hétman contrária-lhe que estava muito aflito por ter de pagar as contas de Clementina, não menos de 40:000 francos!

O imperador prometeu remediar esta dificuldade, e mandou pôr à sua disposição 100:000 francos para as despesas com a embaixada tuaregue, e mais se preciso fôsse.

A hora aprazada foi o conde ter com a Clementina, a qual, com grandes aflições, lhe deu a novidade de que ia ser mãe. Casimiro parece ter feito uma careta ao receber a notícia da paternidade ilegítima. Clementina como prova de que não estava descontente, exigiu-lhe que fôsse passar com ela o dia seguinte.

Desculpou-se o conde tão atrapalhadamente com a embaixada dos tuaregues, que a amante não acreditou. Para a convencer teve de a convidar para assistir ao jantar.

Clementina aceitou logo o convite, e qual não foi o pasmo de Casimiro quando no dia seguinte, o Cheikh Othman, amenocal ou

sultão da Confederação dos Adzger, lhe foi dizer que seu irmão, o Cheikh Ahmed, amenocal do Hoggar, o encarregava nem mais nem menos do que de saber se Clementina quereria ir com ele.

Esta ao saber do amante tal notícia, principiou por fingir que a penalizava muito deixá-lo. Mas o hétman foi-lhe dizendo que as terras do Cheikh eram cinco vezes maiores que as do imperador Napoleão, que ia ter um trono como o da imperatriz Eugénia... E por fim, que ele não podia sequer pagar-lhe o leite antefélico. Ficou o assunto resolvido. A despedida Clementina teve um ataque de ternura e disse ao conde:

— Casimiro, fôste sempre meu amigo. Eu vou ser rainha. Se alguma vez te vires em aflição jura-me...

O Cheikh compreendeu: tirou um anel do dedo e meteu-o no do conde:

— Sidi Casimiro, amigo — disse com energia — tu vir conosco. Mostrar êste anel. Todos no Hoggar camaradas.

Que surpresa foi para Casimiro o desastre de Sedan! No dia 5 de Setembro tinha êle de pagar 5.000 luíses, e não possuía nada, absolutamente nada! Correu às Tulherias. Já não havia imperador. Mas a imperatriz era tão boa. Apenas lá estava Merinçe, que dizia à soberana estarem perdidas tôdas as esperanças. Thiers, com quem acabára de falar, no Pont-Royal continuava inabalável.

Todos os outros a haviam abandonado; e o conde não se esqueçera de lhe dizer:

— Vossa Magestade saberá conhecer os seus verdadeiros amigos.

Volto para casa e disse à mulher que não havia outro recurso senão ir morrer nas barricadas. A condessa comoveu-se e enfiou-lhe nos braços:

— Perdôa-me Casimiro. Eu nunca soube apreciar-te. Perdôa-me?

Casimiro respondeu:

— Perdôo. Eu também tive muita culpa.

O conde saiu, correu para um trem de praça e disse ao cocheiro:

— Dou-te 20 francos de gorgeta, se ainda apanhar o rápido de Marsella das seis e trinta e sete.

Não conseguiu o hétman contar mais nada. Rebolaram a dormir nas almofadas.

Aproximei-me cambaleando, da grande janella. O sol de ouro pálido, levantava-se por detrás das montanhas azuis.

CAPÍTULO XIV

HORAS DE ESPERA

Era à noite que Santo-Avito gostava de me contar a sua prodigiosa história. Ia expondo factos, um a um, pela ordem que se

havam dado, lentamente, sem antecipar nenhum episódio do drama de que eu já conhecia o trágico fim. Não o levava a isso o desejo de poupar-se — sentia-o tão longe de tal ideia! — dominava-o apenas o nervosismo extraordinário em que o mergulhavam aquelas recordações.

Chegava o correio de França e as cartas estavam por abrir em cima da mesa. A luz do fôfôro, que luzia como um clarão lívido no meio do deserto negro, reconheciam-se as letras dos endereços.

Que sorriso vencedor o de Santo-Avito, quando, deitando para o lado tôdas as cartas, lhe pedi com voz arquejante:

— Continúa.

Acedeu sem se fazer rogar.

— Nada te poderia dar ideia da febre que se apoderou de mim, desde o dia em que o hétman de Jitomir me contou a sua aventura até que me vi na presença de Antinea. O mais estranho é que a ideia de que estava condenado à morte, não tinha nada que vêr com esta febre que, pelo contrário, provinha apenas da ansiedade com que eu esperava o sinal da minha perda — o chamamento não vinha. E a demora lançava-me numa exasperação doentia. Creio que durante êsse arrastado tempo, não tive um só instante de lúcida reflexão. Não me lembro de ter dito uma só vez: «Não tens vergonha? Nem sequer pensas em saír desta escravidão sem nome, e pelo contrário, abençoa-la a aspirar à tua perda!»

Nem sequer pensava em disfarçar o desejo de viver o resto da aventura, com a desculpa de não querer fugir sem Morhange. Se estava inquieto por o ver, era por motivos bem diferentes do desejo de vê-lo são e salvo.

De resto, bem sabia eu, que são e salvo estava êle. Os tuaregues brancos do serviço de Antinea, eram certamente pouco comunicativos; as mulheres não falavam mais que êles. Sidia e Aguida contavam-me que êle gostava muito de romãs e detestava o kuskus de bananas. Mas em se tratando de se saber outras coisas, abalavam logo amuados pelos corredores lóra. Com Tanit-Zerga o caso era outro. Causava-lhe repulsão dizer diante de mim o quer que fosse que tivesse relação com Antinea. Bem sabia eu que ela era dedicada à sua senhora como um cão. Mas logo que eu lhe falava nela ou em Morhange, calava-se obstinadamente.

Os brancos pareciam-me palhaços sinistros, e nenhum dos três se prestava a conversas. O hétman de Jitomir entregava-se cada vez mais ao alcoolismo. Parecia-me ter perdido a última luz da razão no dia em que me contára a sua mocidade. Encontrava-o de vez em quando pelos corredores, que se lhe

tinham tornado estreitos, cantando com voz pastosa uma quadra da Rainha Hortense:

*De ma fille Isabelle
Sois l'époux à l'instant,
Et toi le plus vaillant.
Car elle est la plus belle*

Quanto a êsse avarento do pastor Spardek, a minha vontade era esbofetá-lo. E o nojento homenzinho que punha rótulos na sala de mármore vermelho, se o encontrasse, a minha vontade era gritar-lhe: «Ó senhor professor como é curioso êste caso de apócope Araavrivea. — Impressão do *alpha do tau*, e do *lambda*! Pois tenho à sua disposição outro não menos curioso: Kammevivea. Clementina. — Apócope do *Zappa!* do *lambda*, do *epsilon* e do *mu*. Se Morhange aqui estivesse, êle lhe diria, com bela erudição, muitas coisas a êste respeito. Porém Morhange não faz caso de nós. Já ninguém o vê.

A pessoa que se abria mais à febre de saber que me devorava era Rosita, a preta velha que fazia serviço de manicura.

Nunca eu quiz que me pulissem tanto as unhas como naqueles dias de incerteza. A estas horas — já lá vão seis anos — deve a preta ter morrido. Gostava imensamente de beber, e nunca tinha alma de recusar as garrafas que lhe eu dava e que tomava com ela por delicadeza. Nasceram em Constantinopla, e fôra levada para África, ao contrário dos outros, que nascem em África e são levados para a Turquia.

E ela contou-me:

— Antinea é filha de El-Hadj-Ahmed-ben-Guemâna, amekol do Hoggar e cheikh da grande tribo dos Kel-Rhela. Nascem no ano de 1241 da Hégira. Nunca quiz casar; e fizeram-lhe a vontade porque a vontade das mulheres do Hoggar é soberana. É prima de Sidi-El-Senussi, e a uma palavra dela, correrá um rio de sangue rumi do Djerid ao Tuat e do Tchad ao Senegal. Se quizesse viveria com grandeza na terra dos rumis. Mas antes quer que êles venham ter com ela.

— Cegheir-ben-Cheikh — disse eu — tu conhece-lo? É-lhe muito dedicado?

— Ninguém o conhece aqui muito bem, porque anda sempre a viajar. É certo que é muito dedicado a Antinea. É Senussi e ela é prima do chefe dos Senussi. Além disso êle deve-lhe a vida. Foi um dos que assassinaram o grande Zebir Flatters. Por causa disso, Ikhenkhen, amekol dos tuaregues Azdger, com recio das represálias dos franceses, exigiu que entregassem a êstes Cegheir-ben-Cheikh. Repellido por todo o Sáara, Cegheir-ben-Cheikh só encontrou asilo junto de Antinea. Nunca êle o ha de esquecer porque é valente e pratica a lei do Profeta. Em agradecimento, trouxe êle a Antinea que tinha então vinte anos e estava virgem, três oficiais franceses do primeiro corpo da occupação da Tunísia. São os que estão na sala de mármore 1, 2 e 3.

—É Cegheir-ben-Cheikh tem sido sempre bem sucedido?

— Tem habilidade e conhece o Sáara como eu ao meu quarto. No principio enganou-se, e rouxe o velho Le Mesge e o marabuto Spardek.

— É Antinea?

— Deu-lhe tanta vontade de rir que nem os mandou matar. Cegheir-ben-Cheikh ficou

vexado de a ver rir assim, e nunca mais se enganou.

— Nunca mais se enganou?

— Não. Eu tenho tratado das mãos e dos pés de quantos ele tem trazido. Todos eram novos e belos. Mas devo dizer-te que o mais bonito de todos é o teu camarada, que me trouxeram outro dia depois de ti.

— Porque não deu ela a liberdade ao pastor Spardek e ao sr. Le Mesge?

— Parece que lhes achou utilidade. Além disso, quem aqui entra, nunca mais sai. A não ser assim, os franceses depressa cá chegavam e quando vissem a sala de mármore vermelho, passavam todos pelas armas. Mas só um dos que vieram tentou fugir. Mal vêem Antinea, deixam de pensar nisso.

— É ela conserva-os muito tempo junto de si?

— Isso depende dêles e do prazer que lhe dão. Em média dois ou três meses. Mas já tem succedido viverem apenas oito dias, como succedem a um oficial belga que era um colosso, e um ano, como Douglas Zaine, um oficial inglês pequenino, de que todos gostavam.

— É de que morreu êle?

— Morreu de amor, como os outros. Morrem tôdos de amor quando vêem que o seu tempo acabou e que Cegheir-ben-Cheikh foi buscar outros. Alguns morreram serenamente, com os olhos cheios de lágrimas. Deixaram de comer e dormir. Um oficial da marinha francesa endoideceu. Levava a noite a cantar uma cantiga tristíssima que se repercutia pela montanha toda. Um espanhol danou-se: queria morder. Foi preciso matá-lo. Muitos morreram narcotizados. Quando deixam de ver Antinea, fumam, fumam até morrerem. São os mais felizes. Mas o Zaine acabou de outra maneira.

— Então como?

— Tivemos muita pena. Foi o que mais tempo viveu conosco e todos o estimávamos muito. No quarto de Antinea ha uma mesinha de charão, que tem em cima um timbre como um martelo de prata muito pesado. Quando Antinea sorrindo como sempre, o mandou embora, ficou diante dela pálido e mudo. Antinea chamou para o levantar. Veio um targui branco, mas Kaïne deitou a mão ao martelo, e despedaçou o crânio do targui. Antinea continuou a sorrir. Arrastaram Zaine para o quarto dêle. Nessa noite iludindo a vigilância dos guardas, saltou pela janela e, caindo duma altura aproximada de duzentos pés, morreu. Foi muito difficil embalsamá-lo. Está no número 26 da sala de mármore vermelho. Vai ver.

E a velha esvaziou o copo para matar a emoção.

— Dois dias antes tinha eu vindo aqui arranjar-lhe as unhas. Era aqui o quarto dêle. Estava a escrever na parede, com o canivete, ao pé da janela. Ainda se conhece.

Was it not Fate, that, on this July mid-night...

Em qualquer outra ocasião, aquele verso escripto pelo officialzinho inglês na pedra da janela donde se precipitou, ter-me-ia comovido. Mas eu estava a pensar noutra coisa:

— Ora diz-me cá — perguntei o mais serenamente que pude — quando Antinea tem algum de nós em seu poder, fecha-o ao pé dela?

— Não. Não tem medo que lhe fuja. E a montanha é segura. Logo que Antinea toque o timbre de prata, êle virá para o pé dela.

— Mas eu não tornei a ver o meu companheiro!

A velha sorriu com ar entendido:

— É porque gosta mais de ficar ao pé dela. Antinea não o obriga a ficar nem a sair. Deixou um muro violento sobre a mesa:

— Vai-te daqui embora melha maluca! Despacha-te!

Rosita apanhou à pressa as peças do estôjo, e abalou a fugir.

Was it not Fate, that, on this July mid-night...

Obedeci à sugestão da preta. Percorrendo os corredores, depois de me enganar e de Spardek me ensinar o caminho, cheguei à porta da sala de mármore vermelho, empurrei-a e entrei.

Fez-me bem aquela frescura de cripta. Não há lugar, por mais sinistro, que não se encha de claridade com o murmúrio da água corrente. É a água da cascata que está no meio da sala, correndo sempre soube-me bem. Lembrou-me de um dia em que eu estava com os soldados no meio de um crvaçal, à espera do sinal que nos faz caminhar por entre balas. A nossos pés, corria um riacho. E eu entretinha-me a observar as sombras na água transparente, os peixes, as ervas verdes, a areia amarela... Sempre me atraíu o mistério da água...

Aqui, nesta sala de trevas, sinto que a cascata é minha amiga. Foi ela que me não deixou succumbir perante o testemunho de tão monstruosos crimes. 26. É êle. Tenente Douglas Zaine, nascido em Edimburgo, a 21 de Setembro de 1862. Falecido no Hoggar, a 16 de Julho de 1890.

Nem chegava a ter 28 anos! Vinte e oito anos! Uma face mirrada sob a máscara de oricalco. Uma boca triste e apaixonada. Pobre rapaz! — Edimburgo! Conheço Edimburgo, sem nunca lá ter ido. Das muralhas do castello vêem-se as colinas de Pentland. «Olhe, olhe um pouco mais abaixo, e ha de ver ao pé da prega da colina, um grupo de arvôres e um fiozinho de fumo no meio delas. É Swanston Cottage, onde eu o meu irmão vivemos com minha tia. Muito gostaria eu que a sua vista lhe desse prazer.» Assim dizia Flora de Stevenson a Anna de Saint-Yves.

Ao partir para o Darfour, Douglas Zaine também deixava em Edimburgo, uma «miss» Flora tão loura como a de Saint-Yves. Mas que são essas rapariguinhas louras ao pé de Antinea! Zaine, todo feito para aquele amor razoavel, foi amar a outra. Morreu. E aqui está o número 27, por causa de quem êle se despedaçou nas pedras do Sáara, e que morreu também.

Morrer, amar. Como estas palavras caem bem na sala de mármore vermelho. Como Antinea parece maior no meio dêste circulo de estátuas páldias!

Precisa então o amor de tanta morte para se multiplicar? Há outras mulheres no mundo tão lindas, ou mais, talvez do que Antinea. Bem sabes quão poucas vezes te falei da sua beleza.

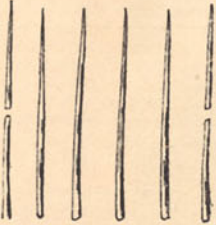
(Continua).



Passatempo

OS SEIS PALITOS

(Problema)

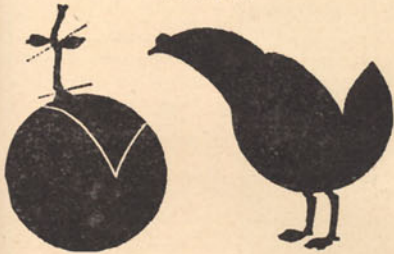


Tomem-se seis palitos de mesa, procurando que sejam todos de igual comprimento; cortam-se dois deles pelo meio, e com os quatro inteiros e as quatro metades, procure-se a maneira de formar três quadrados, que hão de ser precisamente do mesmo tamanho. Tenha-se presente, que nenhum dos palitos se deve dobrar nem partir, excepto os dois que dissemos.

♠ ♠

TRANSFORMAÇÃO MARAVILHOSA

(Solução)



Estão indicados na maçã os cortes que há a fazer para a transformar na galinha gorda, que ela tem ao lado.

BOA DESCULPA

Um pequenito levava o jantar a seu pae, mas como pelo caminho lhe agradassem os bocados de carne que iam dentro do caldo, comeu-os todos. Ao chegar ao pé do pae começou a chorar.

—Que tens, meu filho? Aconteceu-te alguma coisa?

—Aconteceu, sim senhor — respondeu o pequeno. Vinha a correr, tropecei numas pedras, caí-me a lata e só lhe pude aproveitar o caldo.

♠ ♠

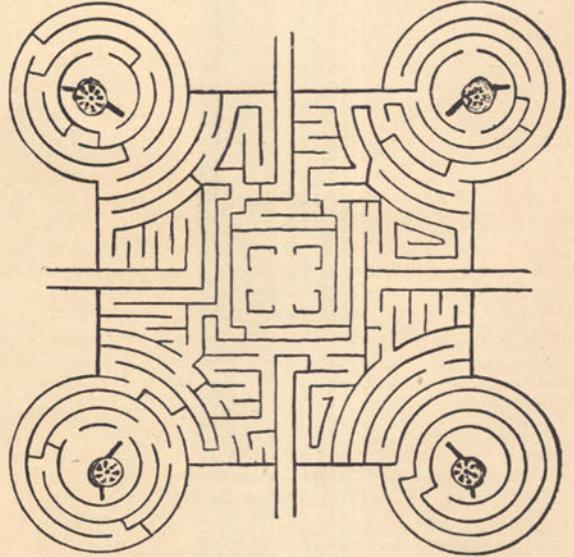
—A marquezia é uma mulher encantadora. É pena ser cõxa!

—É curioso! Nunca lhe tinha notado esse defeito e vi-a muito a miúdo no seu camarote, durante a época lírica.

♠ ♠

—Eu cá por mim não gosto de falar mal das pessoas pelas costas, por isso quando vir o Oliveira hei-de lhe dizer que é um imbecil, um animal que nunca fez nada que prestasse na sua vida, um cavalheiro de indústria que vive à custa de toda a gente.

O CATIVO DOS MOUROS



O centro do labirinto aqui desenhado é a fortaleza em que os corsários marroquines aprisionaram um dos seus cativos, homem riquíssimo, para obterem por êle um bom resgate. Procurem os nossos leitores se ao cativo era possível escapar-se, e se, efectivamente lhe foi, por onde saiu êle? E vejam se encontram caminho para dali se sair, sem se passar por cima de nenhuma linha.

♠ ♠

Na policia correcional:

— Confessa ter arrombado a porta do queixoso para lhe entrar em casa?

— Eu lhe digo, sr. juiz, eu tinha-lhe prometido que lhe havia de partir as costelas e êle desconfiava e fechava-se no quarto.

— Tinha sido mais simples bater devagarinho à porta; ele teria aberto sem desconfiança.

— Muito obrigado pelo conselho, sr. juiz; hei de aproveitá-lo para a outra vez.

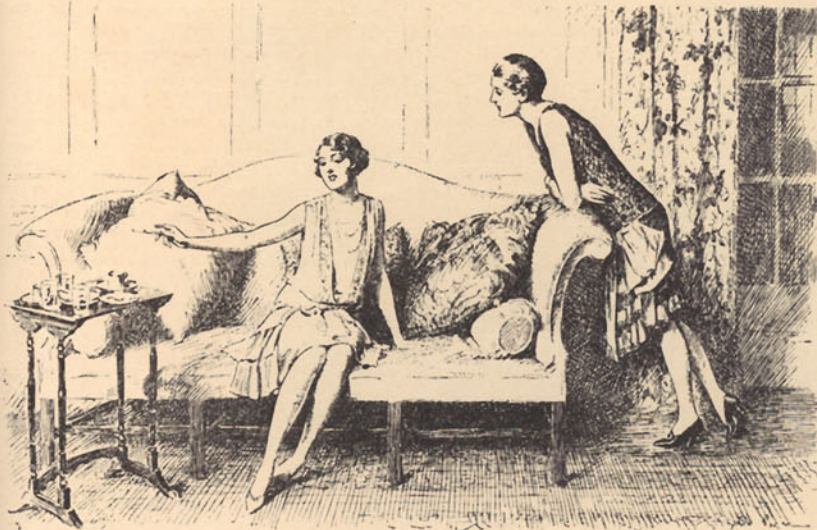
♠ ♠

Um filho de pais humildes subiu a grandes postos. Outro que presumia de fidalgo, mas de quem a mãe não tinha gosado reputação muito honesta, sendo por êle indeferido em qualquer pretensão, scandalizou-se e para se vingar, perguntou-lhe quem era seu pai, ao que êle serenamente respondeu: — Se meu pai, por seu baixo nascimento é mal conhecido, ainda mais difficil é acertar com o de V. Ex.ª.

♠ ♠

○ *Mota*: — Ouvi dizer que as novas máquinas falantes tem uma mola automática para pararem.

○ *Paiva*: — Ah, então minha mulher deve ser dos modelos antigos!



— Em que ponto vai o teu namorado com o Henrique?
— Olha, dêmos hoje o primeiro beijo... pelo telefone.

(Do «Punch»)

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

EXTRACTO DA RELAÇÃO DAS OBRAS REGISTRADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA EM MARÇO DE 1928

LITTERATURA

CAMPOS LIMA — *A Quebra* (Via Dolorosa). Romance. 268 p. 8.º e. capa il. — 10\$00.
 CAMPOS MONTEIRO — *Maria da Fonte*. Ope-reta em 3 actos. 121 p. 8.º — 5\$00.
 CARREIRO (MANUEL) — *Meio-Dia*. Prosas. 168 p. 8.º — 8\$00.
 CÉRTIMA (ANTÓNIO DE) — *Jardim de carícias*. Poemas. 116 p. 8.º — 7\$50.
 COSTA (HENRIQUE) — *Prosas estranhas*. 108 p. 8.º — 6\$00.
 COULOMB (JEANNE DE) — *As sombras das horas*. Trad. de Mário Gonçalves Vianna. Romance; (Biblioteca das Famílias). 328 p. 8.º — 10\$00.
 HUGO (VÍTOR) — *Os Miseráveis*. Trad. cuidada. Volumes I a V (Colecção Lusitânia) — 35\$00.
 LOPES DE MENDONÇA (VIRGÍNIA) — *História do coelhinho «Tic-Tic»* (Biblioteca dos Pequeni-nos). II. de Vasco L. de Mendonça. 71 p. com grav. — 5\$00.
 MAIA (BERNARDO) — *Canções simples*. 2.ª ed. 183 p. 8.º com o retrato do autor. — 6\$00.
 OGANDO (ALICE) — *Era uma vez um amor*. Versos. 76 p. — 5\$00.
 O'NEILL (MARIA) — *Para rir e pasmarr*. II. de Santos Silva. 3.ª ed. (Biblioteca para a Infância). 127 p. 8.º com grav. — 6\$00.
 PATRÍCIO (LADISLAU) — *O mundo das pequenas coisas*. 155 p. 8.º — 10\$00.
 QUEIRÓS RIBEIRO — *Máximas e pensamentos*. 228 p. 8.º peq.
 RODRIGUES DOS SANTOS (RODRIGO) — *Labaredas de sonho*. Versos. 153 p. 8.º com capa il. — 7\$50.
 SEIPULINA (LÍDIA) — *Caminhantes*. Trad. de Horácio Cuihã. 218 p. 8.º com capa il. — 8\$00.
 SOTTO MAYOR E ABREU (MARIA DE) — *Em tempo que já lá vão...* Histórias para crianças; Des. de Hermínia Maia de Medina. 103 p. 8.º com grav. — 6\$00.
 TEOFILO BRAGA E INOCÊNCIO FRANCISCO DA SILVA. — *Correspondência troçada entre o historiador e o bibliógrafo da literatura portuguesa*, anotada por Alvaro Neves. Notícia preliminar do prof. A. do Prado Coelho. 139 p. 8.º — 10\$00. Edição especial, 25\$00.
 TORRES DE CARVALHO (AYRES) — *Quadros da guerra e da paz*. 16 p. com grav. na capa. 2\$50.

ESTRANGEIROS AMIGOS DAS NOSSAS LETRAS



JOSÉ MARIA DE ACOSTA

Um dos mais ilustres escritores da Espanha contemporânea. Tem-se distinguido, numa carreira brilhantíssima e assaz rápida, como novelista e crítico literário. Os seus principais trabalhos recolhidos em volume são os seguintes: «Amor loco y amor cuerdo», em 1920, cujas páginas fulguram ironia bem peninsular; «Entre faldas anda el juego», do género epistolar, tão difícil sempre e que Acosta nesta obra soube dominar com mão de mestre; «Al cabo de los años mil...», de ambiente rústico; «La venda de Cupidos», saído em 1922; «La Salurnia», talvez o melhor romance do autor; «Niñerías», composto de novelas e contos; «Las pequeñas causas»; e há pouco ainda, «Las Eternas Mironas», novela dialogada, desenvolvida em torno duma solteirona, alma que Acosta trata com delicadeza em vez de sarcasmo, como, em geral, os escritores concebem essas mulheres que na mesa da vida encontram o seu quinhão muito mal temperado de amor. Mas se o novelista forte que há em José Maria de Acosta nos interessa, e muito, mais realce ainda deve ter aos nossos olhos a sua actividade como crítico: conhecendo como poucos a terra portuguesa e o seu movimento intelectual, há muitos anos que se dedica a torná-los conhecidos entre o público espanhol. No importante periódico madrileño A B C subscreeve ele uma inteligente e bem informada secção, onde, sob o título de «Letras Ibero-Americanas», frequentemente aparecem referidas, com simpatia e subtileza de análise, obras de escritores portugueses. A inclusão do retrato de tão nobre individualidade literária nesta galeria de estrangeiros amigos das nossas letras impõe-se até, portanto, como um acto da mais elementar gratidão.

MENDES CORRÊA (A. A.) — *Sur une inscription proto-ibérique d'Alvão*. 16 p. com grav.
 MESQUITA (ALFREDO DE) — *A América do Norte*. II. de Santos Silva. 3.ª ed. — 307 p. 8.º com grav. e retrato do autor — 20\$00.
 RIBEIRO (ÁNGELO) — *«A Maria Stuart», de Schiller*. 106 p. 8.º.

SCIENCIAS E ARTES

CARDOSO DO CARMO (DR.) — *Contra a tuberculose*. Com 10 grav. Prefácio do prof. Alfredo de Magalhães. 2.ª ed. 100 p. 8.º — 7\$50.
 LISTA DE PARÓIS, Bóias luminosas, sinais de nevoeiro e sinais horários e de mau tempo, estações radiotelegráficas, electro-semafóricas e de socorro a naufragos, existentes na costa de Portugal, nos arquipélagos dos Açores e Madeira e nas colónias. 133 p. 8.º com mapas coloridos. — 15\$00.
 PORCO (O) E SEUS PRODUTOS. Nova ed., melhorada. (Pequenas fontes de riqueza, III). 195 p. 8.º — 5\$00.
 RAMALHO (ALFREDO) — *A Sardinha em Portugal*. Notas biológicas. 29 p. com grav. e mapas.

SCIÊNCIAS CIVIS

ALVA (CARLOS DE) — *Fascismo e nacionalismo*. 124 p. 8.º com capa il., por J. Augusto Silva. — 7\$50.
 NUNES (LEOPOLDO) — *A Diladura Milliar* (Dois anos de história política contemporânea). Com um prefácio do sr. General A. O. de Fragoso Carmona. 298 p. 8.º com fotografias.
 ORTIGÃO-BURNAY (MANUEL DE) — *Aspectos da crise portuguesa*. 136 p. 8.º — 8\$00.
 PIRES BENTO (MANUEL) — *A Questão Municipal* (Subsídios para a reforma administrativa). Prefácio do dr. A. Lino Neto. 246 p. 8.º — 10\$00.
 RÉGO (ALFREDO M.) — *Acórdãos, sentenças e estudos jurídicos sobre os actos mais frequentes do fóro português*, de 1910 a 1924. 414 p. 8.º.

REVISTAS RECEBIDAS

Boletim do Instituto de Orientação Profissional «Maria Luísa Barbosa de Carvalho». Direcção, que é plenamente afirmar competente do illustre pedagogo sr. dr. João de Vasconcelos. Trata-se do número I duma nova revista, órgão duma instituição cujos objectivos, agora ampliados, tendem a resolver entre nós os mais graves problemas contemporâneos: a escolha da forma de actividade de cada individuo consoante as suas aptidões. Os artigos deste número-programa são firmados, principalmente, pelo director da revista e também por E. da Costa e Cunha, João Camões, Emílio Costa e Manuel Sthill, cada um dos quais se occupa duma secção do Instituto e estabelece os seus principios de orientação de trabalhos. perante nós está, pois, o esboço dum vasto edificio, cujos beneficios para a colectividade se nos impõem como entre os de mais alto expoente.
 Continúa a ser distribuída com regularidade a *Revista de Guimarães*, publicação da Sociedade Martins Sarmento, com sede em Guimarães. No seu último tomo salientamos os artigos seguintes: *O problema de Glazel e os cientistas portugueses*; *Mascus, galerias e colecções*; *As pedras falam*. Portugal visto de Guimarães; *Curiosidades de Guimarães*. *Mulheres, fôgo, festas e lúxos*; *O românico no concelho de Guimarães*; respectivamente, firmados por M. C., Pedro Vitorino, Agostinho de Campos, Alberto V. Braga e Luis de Pina. O resto do texto também é valioso, sobretudo pelos seus dados de investigação histórica relativa a Guimarães e outras localidades do norte do país.
 A *Broetéria*, a mais pontual das nossas revistas do género, apresenta o sumário do número de Maio assinado por: Raúl Machado, J. S. Tavares, Manuel de Sousa Pacheco e Rui de Miranda. Na sua matéria são verificados, com a habitual nitidez de opiniões, vários problemas da literatura, religião e sciência.

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

ELUCIDÁRIO NOBILIARCHEO — Revista de história e de arte. Editor e director: Afonso de Dornelas. Vol. I. 32 p. com grav. — 15\$00.
 FREIRE (JOÃO PAULO) (MÁRIO) — *Por terras do norte e do sul*. Águas passadas. 192 p. 8.º — 7\$00.
 LEMOS FERREIRA (ANTÓNIO JORGE DE ALMEIDA COUTINHO I) — *In Memoriam de António Sardinha. O seu testamento contra-revolucionário*. 20 p.
 LOPES DE CASTANHEDA (FERNÃO) — *História do descobrimento e conquista da Índia pelos Portugueses*. Livros III e IV. 3.ª ed., conforme a edição princeps, revista e anotada por Pedro de Azevedo (*Scriptores rerum lusitanarum, série A*). 476 p. 4.º — 40\$00. Ed. especial, 100\$00.
 MENDES CORRÊA (A. A.) — *Uma leitura das inscrições ibéricas*. 14 p.
 MENDES CORRÊA (A. A.) — *Novelle hypothèse sur le peuplement primitif de l'Amérique du Sud*. 31 p. com grav.

As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente tôdas as informações ás consultas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao câmbio do dia

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Anual		Semestre	Anual
CONTINENTE E ILHAS	22\$00	43\$00	84\$30	ESPAÑA	47\$00	92\$00
Registados	24\$40	47\$80	93\$60	Registados	51\$80	101\$60
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL	40\$00	96\$00	186\$00	BRASIL	52\$00	102\$00
Registados	53\$80	108\$60	212\$30	Registados	61\$60	121\$30
INDIA, MACAU E TIMOR	53\$00	104\$00	204\$00	ESTRANGEIRO	63\$00	124\$00
Registados	57\$80	113\$60	224\$00	Registados	72\$60	143\$00

NUMERO AVULSO 4300

VOGA

A UNICA
GRANDE
REVISTA
FEMINI-
NA POR-
TUGUESA

..
MODAS

..
BOR-
DADOS

..
CON-
FE-
ÇÕES

..
LITERA-
TURA
FEMINI-
NA

..
CONTOS
PARA
CRIAN-
ÇAS

..
CONCUR-
SOS

GRAFO-
LOGIA

ROMAN-
CES

..
ELEGAN-
CIA



MODE-
LOS EX-
CLUSIVOS
DE PARIS
RECEBI-
DOS SE-
MANAL-
MENTE

..
A UNICA
GRANDE
REVISTA
DE ARTE
PARA AS
SENHO-
RAS
PORTU-
GUESAS

..
PAGINAS
CENTRAIS
MA-
RAVI-
LHOSAS

..
FOLHAS
DE BOR-
DADOS E
MOLDES
EM TA-
MANHO
NATU-
RAL

..
CINEMA

..
TEATROS

..
BELEZA

CUSTA 15 TOSTÕES

Provado por milhares de automobilistas



178

a gasolina

Auto-Gazo

Garante um arranque fácil

Empregue sempre no seu carro
e notará a facilidade com que
o seu motor acelera e vence
as mais íngremes subidas.

VACUUM OIL COMPANY